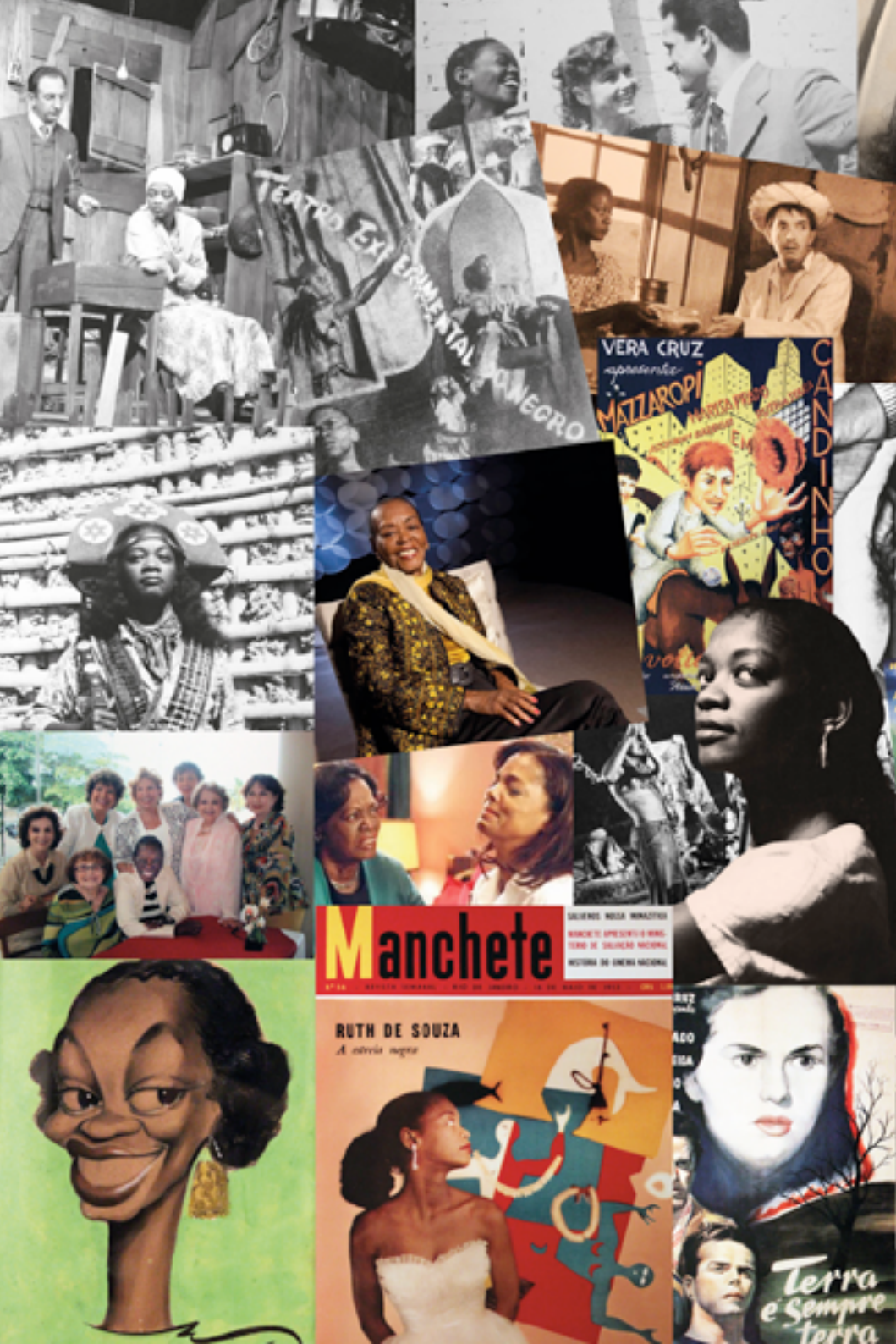


Pérola negra

Ruth de Souza





TEATRO EXPERIMENTAL NEGRO

VERA CRUZ
apresenta
MATIAROPÍ
MARGA VIEL
CANDINHO

Manchete

SALVEMOS NINJA MANGOTE
MANGOTE APRESENTA MANGOTE
TERMO DE SALVEMOS NINJA
HISTÓRIA DE CINEMA NACIONAL

RUTH DE SOUZA
A atriz negra

Terra e sempre terra



RUTH DE SOUZA



PÉROLA NEGRA—RUTH DE SOUZA

Coutinho, Angélica; Lira Gomes, Breno (orgs.)

1ª Edição

Agosto de 2016

ISBN 978-85-66110-27-2

Produção editorial **Angélica Coutinho**

Pesquisa & Revisão de textos **Antero Leivas**

Capa & Projeto gráfico **Guilherme Lopes Moura**

Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

Pérola negra

Ruth de Souza



O Ministério da Cultura e o Banco do Brasil apresentam a mostra PÉROLA NEGRA: RUTH DE SOUZA, homenagem à grande atriz que comemora 70 anos de carreira.

Tendo iniciado sua trajetória no Teatro Experimental do Negro, grupo liderado por Abdias do Nascimento, Ruth de Souza tornou-se referência para a geração de atores negros que a sucederam. Destaque em produções como *Sinhá Moça*, quando se tornou a primeira atriz brasileira a receber uma indicação em um festival de cinema internacional — o Leão de Ouro do Festival de Veneza, em 1954 —, a artista trabalhou nas três companhias cinematográficas mais relevantes do Brasil em sua época (Atlântida, Maristela e Vera Cruz) e já atuou em mais de 30 filmes ao longo de sua carreira, entre obras referenciais do cinema brasileiro. Em atividade até os dias de hoje, aos 93 anos fez uma participação especial no filme *O vendedor de memórias*, lançado em 2015.

Ao realizar esse projeto em homenagem ao talento de Ruth de Souza e a sua importância para o cinema brasileiro, o Centro Cultural Banco do Brasil promove a valorização de personalidades afrodescendentes que marcaram a cultura e a história brasileira no século XX e começo do XXI, trazendo ao público a oportunidade de refletir sobre a participação do negro nas artes e em outros setores da sociedade brasileira.

O Centro Cultural Banco do Brasil valoriza a produção nacional, a diversidade, exalta o pioneirismo e a qualidade do trabalho dos artistas brasileiros, colabora para a consolidação da imagem de um país plural e reforça o combate ao preconceito racial e de gênero.



Uma mulher.

Uma mulher negra.

Uma mulher negra, talentosa.

Uma mulher negra, talentosa, persistente.

Uma mulher negra, talentosa, persistente e vencedora.

Só nas telas do cinema, Ruth de Souza está há quase 70 anos. Não é pouca coisa. E não tem como falar apenas do seu indiscutível talento. Primeira mulher negra a subir no palco do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, estudou em Harvard e foi a primeira atriz indicada para um prêmio internacional, o Leão de Ouro, abrindo caminho para artistas negros brasileiros nos palcos, nas telas de cinema, na TV...

Sua memória viva e intacta a faz relatar vibrantes momentos inesquecíveis na trajetória artística aqui em parte exibida. Cada registro encontrado em seu acervo é facilmente descrito em detalhes pela atriz, que afirma, com um sorriso no rosto, que é uma pessoa muito feliz, pois nunca lhe faltou trabalho e exerceu uma profissão naturalmente difícil para qualquer um, quanto mais para uma mulher e negra.

Ruth de Souza inaugura o projeto PÉROLA NEGRA. Mais uma vez, abre o caminho para gente talentosa, persistente e vencedora.

MARIANA SOBREIRA

Singularte Produções.



“O que sempre me moveu foi a paixão pelo cinema, pelo teatro, além de muita força de vontade e determinação.”

RUTH DE SOUZA

Ruth de Souza se interessou pela arte de atuar muito cedo, quando frequentava recitais no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Quando descobre o Teatro Experimental do Negro, grupo liderado por Abdias do Nascimento, se junta a eles e estreia em 8 de maio de 1945 no palco do Theatro Municipal, no espetáculo *O Imperador Jones*, de Eugene O'Neill. Desacreditada no começo, já que atores negros não conseguiam bons papéis no teatro e no cinema, Ruth de Souza quebrou barreiras e abriu caminho para muitos que vieram depois dela.

Estudou teatro nos Estados Unidos durante um ano e quando voltou fez sua estreia no cinema com o filme *Terra Violenta*, adaptação de *Terras do sem fim*, de Jorge Amado que a indicou para o papel. A partir daí não parou mais e sua carreira se concentrou no cinema. Trabalhou nas três companhias cinematográficas da época: Atlântida, Maristela e Vera Cruz.

Com o amigo de toda a vida, Grande Otelo, fez *Também Somos Irmãos*, produção da Atlântida. Mas é na Vera Cruz que Ruth de Souza vê sua estrela brilhar. Atriz contratada da Companhia, participa de *Candinho*, *Ângela*, *Terra é Sempre Terra* e *Sinhá Moça*. Por esse último torna-se a primeira atriz brasileira a receber uma indicação em um festival de cinema internacional: o Leão de Ouro do Festival de Veneza, em 1954.

No cinema foram mais de 30 filmes. Entre eles *O Assalto ao Trem Pagador*,

A morte comanda o cangaço, O mistério da ilha de Vênus, Ladrões de cinema, Jubiabá e Filhas do Vento, esse, seu último trabalho de destaque no cinema. Na televisão foi a primeira atriz negra a protagonizar uma novela, *A Cabana do Pai Tomás*, em 1969.

O projeto PÉROLA NEGRA pretende acontecer de dois em dois anos. A ideia é a cada ano homenagear um ator, uma atriz ou uma/um cineasta negro com uma retrospectiva dos seus trabalhos. E para a primeira edição nada mais justo que a homenageada seja a pioneira Ruth de Souza.

A mostra PÉROLA NEGRA é uma proposta não só de resgate, mas principalmente de valorização de personalidades afro-descendentes que marcaram a cultura e a história brasileira no século XX e começo do XXI. Ter como primeira homenageada a atriz Ruth de Souza só comprova a proposta inicial. Pioneira na conquista por espaço digno nos palcos do teatro e nas telas do cinema e da televisão para os atores negros, em 2015 a atriz celebrou 70 anos dedicados à arte de atuar. São 70 anos de conquistas, de esforço, de luta para quebrar barreiras que impediam os artistas negros de ocuparem espaços de destaque no teatro, cinema e televisão.

Através da mostra em homenagem a Ruth de Souza, o espectador terá a oportunidade de fazer uma avaliação da participação do negro nas artes e em outros setores da sociedade nos últimos 70 anos pelo menos. Sem falar que as produções que contaram com a participação da homenageada tratam de temas ligados a história do Brasil, são adaptações de escritores brasileiros, mostram a realidade de um país, e também como o negro muitas vezes é visto e tratado no Brasil.

Ruth de Souza tem hoje 95 anos. E toda uma nova geração de novos atores negros, como Lázaro Ramos, Camila Pitanga, Fabrício Boliveira entre outros, reconhecem que se hoje são estrelas de filmes, peças de teatro e telenovelas, muito dessa conquista se deve ao papel da homenageada em toda essa transformação. Transformação que começou a partir do momento em que Ruth de Souza ingressou no Teatro Experimental do Negro.

Proporcionar ao público a chance de (re)ver obras cinematográficas impor-

tantes, é oferecer a eles mais do que mero entretenimento. É dar a oportunidade para que cada um que comparecer às sessões tenha conhecimento do papel do negro na sociedade e a importância de uma mulher chamada Ruth de Souza, que mesmo franzina, enfrentou todos aqueles que a desacreditavam e se tornou uma das mais importantes atrizes brasileiras.

BRENO LIRA GOMES
Idealizador & Curador

A produção do projeto PÉROLA NEGRA esclarece que para futuras edições ainda escolherá homenageados e possíveis patrocinadores.

- 16 **Apresentação**
Léa Garcia
- 22 **Ruth de Souza, uma estrela
negra no teatro brasileiro**
Júlio Claudio da Silva
- 32 **Ruth de Souza, a dama**
Maurício R. Gonçalves
- 40 **Patrimônio Cultural**
Hermes Frederico
- 46 **Os sinônimos de Ruth de Souza**
Joel Zito Araújo
- 52 **Ruth de Souza: Atriz imprime elegância,
altivez e doçura a seus desempenhos**
Maria do Rosário
- 58 **Multiplicismo**
Rodrigo Fonseca
- 64 **Os olhos de Ruth de Souza**
Rita Ribeiro

74	O Mistério da Ilha de Vênus (Macumba Love) Carlos Primati
82	Filhas da negação do Brasil Rafael dos Santos
90	Flor incrível e pura Élvia Bezerra
102	Cronologia
114	Filmografia
118	Filmes e programas de televisão na mostra
128	Autores
130	Sobre Curador
132	Agradecimentos
133	Fontes Consultadas
134	Créditos



RUTH DE SOUZA





APRESENTAÇÃO

Como tantas outras quartas-feiras daquele ano, chegávamos, Dulce e eu, adolescentes de 16 anos, ao prédio de quatro andares da praça Antero de Quental, no Leblon, para mais uma aula de inglês. Mrs. Lambert, nossa professora, uma negra americana possuidora de um porte senhoril, residia no último piso. Ao entrarmos, parei surpresa e segrediei para Dulce: — “Olha quem está aqui, a artista que a gente vê nas revistas”. Mrs. Lambert fez as apresentações: — “Dulce e Léa”. E voltando-se para a moça sentada ao sofá: “Ruth de Souza”. Ela esboçou um sorriso e nos deu “boa tarde”. Dulce, mais desenvolta, foi logo puxando conversa e falando de seus planos de sair do Brasil e morar nos Estados Unidos. Ruth indagou das minhas pretensões para o futuro. — “Quero ser escritora”...

E assim, conheci aquela que se tornaria a mais reconhecida atriz negra brasileira.

Ruth, filha mais velha do casal Alaíde e Sebastião Joaquim de Souza, nasceu no Rio de Janeiro e passou um período de sua infância em um sítio em Minas Gerais. Após o falecimento do pai, a família regressa ao Rio de Janeiro e se instala numa vila humilde de Copacabana. A cidade grande lhe reservava surpresas. Copacabana era a terra do cinema; Rian, Metro, Roxi, Alasca, Ritz. A menina sonhadora se encanta. O interesse pela arte cinematográfica foi se transformando em paixão. Apesar de bombardeada pelo preconceito e

pelas críticas, não afoga o seu sonho desperto. Toma conhecimento da existência do Teatro Experimental do Negro, através de uma matéria publicada na revista Rio. Ingressa no grupo e superando obstáculos, estreia na peça *Imperador Jones* de Eugene O'Neill, no Teatro Municipal, em 1945.

E Ruth se despertou atriz e o resultado dos seus desempenhos nos palcos, surgiu. Recebe da Fundação Rockefeller uma bolsa de estudos e viaja para estudar teatro em Cleveland, nos Estados Unidos, onde estagiou no Karamu House, estendendo os estudos, por mais um período, na Academia Nacional de Teatro Americano, em Nova York. Ao regressar Ruth construiu uma sólida carreira no cinema, no teatro e na televisão, registrando mais de 20 filmes, dezenas de peças teatrais e 30 novelas de TV. A densidade de seu personagem no filme *Sinhá Moça*, produzido pela Vera Cruz, levou-a a concorrer ao prêmio Leão de Ouro em Veneza, atribuindo-lhe o direito de ser a primeira atriz negra brasileira a ser reconhecida internacionalmente. Em *Filhas do Vento* de Joel Zito Araujo, teve a oportunidade de perceber, mais uma vez, sua força dramática. Pelo desempenho, recebeu mais um prêmio, o Kikito, como melhor atriz do Festival de Gramado.

No teatro, entre inúmeras atuações maravilhosas, não podemos deixar de destacar *Réquiem para uma Negra* e *Quarto de Despejo*. Em televisão foram muitos personagens e todos revelando sua marcante força dramática. Destacam-se *Carolina de Jesus*, *A Cabana de pai Tomás* e *Sinhá Moça*, quando Ruth e Grande Otelo, numa interpretação impar, singela e comovente, formaram o casal idoso, escravo e meio enlouquecido da novela.

Num outro momento da vida, nos encontramos, o que não poderia deixar de acontecer, num camarim da TV Globo. Nesse encontro lembrei as meninas da aula de inglês na casa de Mrs Lambert. A amizade surgiu e se fez mais confiante. Desfrutamos então, talvez motivadas e fortalecidas pelo encontro do passado, de muitos domingos. Almoçávamos juntas e depois corríamos para assistir aos filmes do acervo existente em sua casa. Várias vezes nos emocionamos com as cenas dos filmes e nos surpreendíamos rindo ou chorando copiosamente.

Ressalto o porte distinto, o humor refinado, a presença segura e elegante como detalhes marcantes de sua personalidade. Sua trajetória artística marcada pelo seu talento, profissionalismo e autodeterminação com trabalhos que enriqueceram a arte e a cena brasileira é referência para nós atrizes de todas as cores e etnias. Iluminada e pioneira, Ruth de Souza, marcou espaços abrindo caminhos para gerações futuras. Expresso, sensibilizada, o nosso profundo reconhecimento, admiração e reverência.

LÉA GARCIA

Atriz



“Ruth pra mim é uma primeira dama das artes brasileiras.

Uma primeira dama negra da arte, do cinema, do teatro e da televisão”

ROBERTO FARIAS, cineasta



RUTH DE SOUZA, UMA ESTRELA NEGRA NO TEATRO BRASILEIRO

JÚLIO CLAUDIO DA SILVA

A trajetória de Ruth Pinto de Souza, atriz de teatro, cinema e televisão possui, pelo menos, três momentos relevantes, que a desloca da cena artística e a conduz para o *lôcus* dos personagens relevantes da História do Brasil. O seu ingresso no Teatro Experimental do Negro, 1945; o seu aprimoramento técnico profissional nos Estados Unidos e a experiência como primeira atriz brasileira a concorrer a um prêmio no Festival de Veneza de 1953. Revela-se um protagonismo ímpar na luta por espaço para a atuação dos atores negros nos cenários artísticos brasileiros do século XX.

Nascida na cidade do Rio de Janeiro, dia 12 de maio de 1921, foi na infância que teve início o seu encanto pelo palco. Sua mãe costumava obter ingressos grátis para que ambas assistissem peças e óperas. Certa vez o ingresso obtido para o Theatro Municipal lhe reservava um lugar nos bastidores, perto do contrarregra. A pequena Ruth de Souza ficou lá, quietinha, observando o movimento do elenco preocupado e concentrado. A estrela do espetáculo, ao passar pela menina, abriu-lhe um sorriso, tocou, carinhosamente, sua cabeça e partiu para a cena. Era a famosa cantora lírica Cláudia Muzzio (JESUS, 2004, p 67-68).

Foi com *Tarzan, o filho das selvas* (1932) que iniciou a sua vivência como cinéfila. A paixão pela grande tela com seus musicais, dramas, histórias, enfim, sua capacidade de fabricar sonhos. Contudo, entre os sonhos proporcionados pelas produções de Hollywood e os nutridos pela menina negra da Co-

pacabana dos anos mil novecentos e trinta parece ter havido uma distância abissal, na qual importou menos o fato de ser a filha de uma lavadeira e mais as determinações existentes nas relações raciais brasileiras daquele período.

Nos grupos de teatro amador, experimental e profissional, então existentes, não havia espaço para atores negros. Em função deste cenário, Abdias do Nascimento fundou, em 1944, o Teatro Experimental do Negro (TEN), com o objetivo de criar espaço para a atuação de atores, personagens e temáticas negras nos palcos brasileiros. No dia 8 de maio de 1945 – na noite em que se celebravam o fim da Segunda Guerra Mundial e a derrota do ideário racista, defendido pelo nazismo — a jovem Ruth de Souza estreou no TEN, com o único personagem feminino da montagem de *O Imperador Jones*, de Eugene O'Neill. A peça conta a história de Brutus Jones, um negro que consegue ser proclamado Imperador em uma ilha das Antilhas, e assim discute a condição racial do negro (SILVA, 2015).

Com certo orgulho, Ruth de Souza, define-se como “a primeira atriz negra a fazer teatro clássico” no Brasil. Consciente da relevância de sua trajetória e de seu pioneirismo, no processo da criação de espaço para atores e atrizes negras nos palcos e no cenário artístico brasileiro, a atriz presidiu, desde a década de 1940, um processo de arquivamento de si e do TEN. Constituiu, assim um rico e variado acervo formado por fotografias, recortes de jornais e revistas, que cobrem o período entre as décadas de 1940 e 1960 (SILVA, 2015 1960 (SILVA, 2015). 1960 (SILVA, 2015). 1

Afável, Ruth de Souza fez vários amigos ao longo de sua vida. Uma parte deles conheceu no Café Vermelhinho, nas décadas de 1940 e 1950. Situado na Rua Araújo Porto Alegre, Centro do Rio de Janeiro, o Café Vermelhinho fora um estratégico espaço de sociabilidade onde reuniam-se ativistas políticos, jornalistas, pintores, atores, intelectuais... E importantes nomes do universo artístico e cultural brasileiro, como Vinicius de Moraes, Paschoal Carlos Magno, Jorge Amado, Solano Trindade, Nelson Rodrigues, Portinari, entre outros. Todas essas pessoas, de algum modo, apoiaram a atriz em sua luta contra as barreiras raciais existentes nos palcos brasileiros (SILVA, 2015, 38-55).

Nelson Rodrigues em entrevista publicada no jornal *Quilombo*, braço impresso do TEN, aborda a condição dos atores e atrizes negros da primeira metade do século XX. A entrevista evidencia o quão politizados eram os amigos de Ruth de Souza. O título da publicação, “Há preconceito de cor no Teatro?”, já sinaliza para o tom combativo de seu conteúdo. O subtítulo traz a marca contundente do entrevistado: “Ingenuidade ou má-fé negar o preconceito racial nos palcos brasileiros”. O autor de *Anjo Negro* explicou que era raro haver uma companhia teatral que possuísse negros em seu elenco. Quando a peça exigia um personagem negro “o branco é pintado”: assim era representado o negro no teatro brasileiro daqueles anos. Haveria uma ou outra exceção. De modo bastante explícito, o entrevistado definiu quem não reconhecia a presença da variável raça como condicionante no universo teatral brasileiro: “É preciso uma ingenuidade perfeitamente obtusa ou uma má-fé cínica para se negar a existência do preconceito racial nos palcos brasileiros”. Uma das exceções seria o próprio Teatro Experimental do Negro.¹

Ruth de Souza acalentou por mais de uma década o sonho de iniciar sua carreira nas artes cênicas, mas o feito não foi realizado em nenhuma das companhias teatrais, amadoras ou profissionais daquela época. Somente um teatro experimental para atores negros lhe abriu as portas. O TEN não foi somente uma companhia de teatro, mas uma associação negra, cujo braço político-cultural era o teatro. Há pistas que nos permitem afirmar que a possibilidade de sua existência deriva do encontro de seus integrantes com pessoas sensíveis à questão racial naqueles dias no Brasil e no mundo. Eugene O’Neill, dramaturgo norte-americano de tendência socialista, autor de *O Imperador Jones*, um drama vivido no Haiti, cedeu ao grupo os direitos de montagem desta peça e de outras duas, *Todos os Filhos de Deus têm Asas* e *O Moleque Sonhador* (1945). A segunda peça encenada pelo TEN, assim como a primeira, também abordava a questão racial. *Todos os Filhos de Deus têm Asas* (1946) foi ambientada nas ruas de um bairro de Nova Iorque — habitadas por brancos e negros - e contava a história de um negro apaixonado por uma branca. Ruth de Souza atuou em todas essas montagens, mas antes sugeriu a Abdias do

Nascimento que escrevesse à O'Neill solicitando a liberação dos direitos da peça. Como resposta recebeu uma carta do autor liberando as três peças para o TEN. Provavelmente, O'Neill ficou surpreso com o pedido, mas deve ter visto fortes razões políticas para atendê-lo. Um dos mais importantes nomes da dramaturgia internacional da década de 1940, O'Neill ajudou a criar condições objetivas para que o grupo de atores negros brasileiros se iniciassem em sua trajetória (SILVA, 2015).

Nos anos subsequentes Ruth de Souza atuou e brilhou em vários espetáculos teatrais como *O Filho Pródigo*, de Lúcio Cardoso (1947); *Aruanda*, de Joaquim Ribeiro (1948); *Mensagem Sem Rumo*, (1948); *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado (1948); *Filhos de Santo*, de José Moraes Pinho (1949) e *O Balão que Caiu no Mar*, de Odylo Costa Filho (1949). E também no cinema, sua outra grande paixão. Nesses primeiros anos de sua carreira profissional, atuou em filmes como *Terra Violenta*, de E. Bernoudy (1948); *Falta alguém no Manicômio*, de J.C. Burle (1948); *Também Somos Irmãos*, de J.C. Burle (1949); *A Sombra da Outra*, de Watson Macedo (1950); *Ângela*, de Tom Payne (1951) e *Terra é Sempre Terra*, de Tom Payne (1951) (SILVA, 2015).

Em 1950, Ruth de Souza recebeu uma bolsa para estudar nos Estados Unidos. Vale sublinhar que na ocasião a atriz já havia atuado em nove peças de teatro, seis filmes, sendo três da Companhia Atlântida e um da Vera Cruz. A possibilidade de seu aprimoramento técnico profissional no exterior foi possível, graças a recorrente intervenção de Paschoal Carlos Magno e o financiamento da Rockefeller Foundation. No critério para a indicação de Paschoal Carlos Magno, teria pesado o trabalho da atriz no TEN. A bolsa assegurou-lhe estudos e estágios por um ano em algumas escolas de teatro norte-americanas, como o Karamu House — criado em 1915, em Cleveland (Ohio) — o mais antigo teatro-escola afro-americano nos Estados Unidos. Lá, durante quase seis meses, a atriz pôde aprender todas as etapas da produção teatral, dramaturgia, iluminação, som, vestuário, dança contemporânea, música instrumental.

A atriz sentiu-se grata pela solidariedade de amigos como Nelson Rodrigues, Paschoal Carlos Magno e Vinicius de Moraes. Todos a estimularam su-

perar os desafios apresentados no início de sua carreira. Nelson Rodrigues lhe dizia, ante os desafios: “Você vai! Você vai fazer!”. Quando a atriz recebeu a bolsa para estudar nos Estados Unidos, Paschoal Carlos Magno teria lhe dito: “Você vai! Vai, com medo, sozinha, mas vai!”. Para a temporada nos Estados Unidos, Ruth de Souza levou consigo uma carta redigida a mão por Vinicius de Moraes. A atriz poderia apresenta-la aos amigos do diplomata, na embaixada brasileira em Washington, caso ocorresse alguma emergência. Nos Estados Unidos pôde exercitar e aprimorar o inglês que aprendera no Rio de Janeiro, ao atuar em espetáculos como *Dark of the Moon* (KaramuHouse – EUA), *Street Scene* (Kurt Weill e Elmer Rice – KaramuHouse – EUA) e *Shadow of a Gunman* (W. Berney e H. Richardson – KaramuHouse – EUA) 1950 (SILVA, 2015).

Ao retornar para o Brasil, Ruth de Souza seguiu sua carreira de atriz de teatro e cinema. A participação no filme *Sinhá Moça* e, por conseguinte a repercussão nacional e internacional da obra e do seu desempenho, foram importantes marcos em sua carreira. Graças a atuação no filme, produzido pela Companhia Vera Cruz, em 1953, Ruth de Souza foi indicada e concorreu ao prêmio de melhor atriz no Festival de Veneza.

O pioneirismo e relevância de Ruth de Souza, como atriz e mulher negra, foram perceptíveis, para além dos palcos. O reconhecimento da qualidade de seu desempenho profissional tornou possível que fosse mencionada como referência na matéria, “Elas não perdem para os homens”, publicada na *Revista da Semana*, provavelmente nos primeiros anos da década de 1950. No texto jornalístico discutia-se a igualdade de gênero. Seu conteúdo, claramente panfletário, chamava a atenção para a efetiva consciência sobre o tema, expressa na proposta de uma reflexão pública. O pressuposto da igualdade entre homens e mulheres parece ter sido compartilhado pelos leitores do periódico. O objetivo da matéria era colocar, lado a lado, 32 nomes de homens e mulheres para demonstrar como o gênero feminino “pode perfeitamente ombrear os congêneres masculinos. Ombrear com eles e, muitas vezes enfrentá-los, superá-los”. Entre as dezenas de nomes selecionados, representando as diversas categorias profissionais, estavam os de Raquel de Queiroz

e Cecília Meireles, escritoras; Ângela Maria e Araci de Almeida, cantoras do rádio; Ivete Vargas e Conceição Santamaría, na política; e Dulcina de Moraes e Ruth de Souza, no teatro².

Ruth de Souza possui uma das mais longevas e produtivas carreiras no mundo das artes cênicas brasileiras. Entre 1945 e 1997 atuou em vinte e três peças de teatro. No cinema, entre 1948 e 2006, trabalhou em cerca de trinta longas-metragens. E na Televisão, entre 1965 e 2010, participou de vinte e nove novelas, além dos quatorze papéis desempenhados em séries, minisséries e seriados.

Segundo as memórias da atriz “*O teatro era uma grande paixão, mas o cinema também! Acabei me dedicando menos ao palco e mais ao cinema, principalmente ao ser contratada pela Vera Cruz* (JESUS, 2004, p 69)”. Uma análise do quadro de atuação da atriz nos palcos e no cinema revela uma atuação, relativamente, equilibrada entre ambos. Talvez a diferença esteja na mais longeva atuação no cinema, televisão e encerramento mais precoce de sua atuação no teatro em 1997.

O pioneirismo também foi uma marca da atuação de Ruth de Souza na televisão brasileira. A atriz trabalhou nas TVs Tupi, Record e Excelsior. É atriz contratada da TV Globo desde 1968. Muito provavelmente a atriz encontrou mais facilidades para conciliar as agendas demandadas pelo cinema, com as da televisão, e menos com as do teatro. Contudo, o seu olhar retrospectivo identifica cinco “grandes momentos no teatro”, em sua fase profissional (JESUS, 2004, p 69).

O primeiro foi em *Vestido de Noiva* (1952), de Nelson Rodrigues, com Sérgio Cardoso e Nydia Lícia. Outra experiência importante foi a sua atuação na peça *Quarto de despejo* (1960), de Edy Lima. O diretor Amir Haddad lhe sugeriu laboratório nas ruas, catando papéis, vestindo andrajos, como se fosse uma mendiga. A atriz seguiu a sugestão e saía à noite, acompanhada de perto pelo fotógrafo e repórter Audálio Dantas. Para a atriz “*Foi uma grande experiência*” (JESUS, p 70).

Em 1964 atuou em *Vereda da Salvação*, de Jorge Andrade, direção de Antunes Filho. A peça foi o último trabalho do Teatro Brasileiro de Comédia e fez parte da sua fase nacionalista. Fora marcado por um intenso trabalho de pre-

paração dos atores, com exercícios e laboratórios, voltados para a recriação naturalista do ambiente rural. O elenco numeroso contava com nomes como Ruth de Souza, Raul Cortez, Cleyde Yáconis, Aracy Balabanian, Stênio Garcia; Lélia Abramo entre outros. Jorge Andrade teria ido à casa da atriz e lhe dito: “*Ruth, a atriz que estava fazendo a Germana não consegue suportar a dureza dos ensaios e pediu para sair da peça*”. Por isso o autor a convidara para substituí-la. Ruth de Souza aceitou ao convite, anos depois refletiu sobre este episódio: “*mas realmente trabalhar com Antunes Filho não é brincadeira. Foram seis meses de ensaios exaustivos*” (JESUS, 2004, p 72).

Em 1967 Ruth de Souza fez parte da montagem de *O milagre de Anne Sullivan*, da peça teatral de William Gibson. O elenco contou com Elísio de Albuquerque, Eraldo Rizzo, Nize Silva, Reny de Oliveira e Berta Zemel, que interpretou Anne Sullivan. Graças ao grande sucesso, o espetáculo ficou em cartaz por três anos. Outro trabalho memorável, para a atriz, foi *Réquiem para uma Negra* (1983), de Willian Faulkner, com direção de Luiz Carlos Maciel. Na peça Ruth de Souza fez a personagem Nancy Mannigoe, uma mulher negra que assassina o filho do casal para o qual trabalhava (JESUS, 2004, p 73-74).

Ao longo da carreira, Ruth de Souza recebeu vários prêmios pelo seu desempenho profissional, entre os quais a Comenda da Ordem do Rio Branco, em 1988 e a *Ordem do Mérito Cultural*, em 2005. Neste ano a condecoração - outorgada pelo Governo Federal - celebrou o tema Diversidade e Cidadania, e premiou a atriz pelo conjunto da obra e contribuição para a cultura brasileira. Ainda que a atriz não reivindique este lugar, sua trajetória é marcada pela luta contra as barreiras raciais impostas aos negros no Brasil e pode ser identificada como um contraponto à visão racista, que excluía do horizonte de possibilidades, a existência de atores e atrizes profissionais negros. Uma análise de sua trajetória, em perspectiva histórica, tem revelado grandes contribuições para a transformação da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JESUS, Maria Ângela. *Ruth de Souza: a estrela negra*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

Quilombo: vida problema e aspiração e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento (1948-1950). São Paulo: FUSP; Editora 34, 2003.

SILVA, Júlio Cláudio. *Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth de Souza (1945-1952)*. Manaus: UEA Edições, 2015.

NOTAS

¹ Quilombo. Rio de Janeiro, n.1, 9 de dezembro de 1948, p.1. ² Terra é Sempre Terra é uma adaptação para o cinema da peça Paiol Velho, de Abílio Pereira de Almeida.

² Sem indicação de autoria. "Elas não perdem para os homens". In. Revista da Semana. Sem local, sem data. Acervo Ruth de Souza/LABHOI-UFF.<http://www.labhoi.uff.br/image/tid/202>.

“Na história da humanidade, as mulheres têm uma importância vital para que o homem progrida, para que o homem dê um passo à frente, para que o homem marche, para que o homem realize. Não adianta ir se não há ninguém na retaguarda. E o bom é que, às vezes, elas é que vão à frente, elas é que nos dão a direção de onde devemos mergulhar. Ruth de Souza é uma dessas pessoas. É uma dessas mulheres fantásticas, que escolheu a arte para manifestar o seu talento. E ao longo dos anos vem nos brindando com interpretações maravilhosas que marcam o valor, que marcam aquilo que a gente deve buscar. A Ruth tem sido o exemplo e o tem realizado com tal dignidade, impondo respeito, um carinho, um afeto e Ruth é, sem sombra de dúvidas, um dos ídolos brasileiros na arte de representar [...], porém mais do que isso: é sua postura diante da sociedade, a maneira elegante, a maneira ética com a qual ela se relaciona com as pessoas.”

MILTON GONÇALVES, ator



RUTH DE SOUZA, A DAMA

MAURÍCIO R. GONÇALVES

Ruth de Souza, grande dama do audiovisual brasileiro. Sua excelência interpretativa, sua maestria como atriz, garantem-lhe espaço entre os maiores artistas da cultura brasileira, no século XX. Ruth de Souza empresta, às personagens que interpreta, mesmo as mais coadjuvantes, uma dignidade, uma excelência e, principalmente, uma humanidade que as fazem ímpares, destacando-as na obra, como uma estrela — não a partir de qualquer sentido *star-system* do termo — mas como aquela que se move, que ilumina e que nos indica o caminho de estar no mundo, do humano que cada personagem é, e que nós, por lhes termos alguma semelhança, também somos. Isso não é para muitos.

A atriz começou no teatro, em 1945, em *Imperador Jones*, de Eugene O’Neil, e foi na Atlântida Cinematográfica, ainda na segunda metade dos anos 1940, que fez seus primeiros filmes. *Terra Violenta* (Edmond F. Bernoudy, 1948), sua estreia, era uma adaptação do romance *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado. Foi o autor que a indicou para interpretar, no cinema, a mesma personagem que tinha feito, meses antes, na transposição de seu texto para o teatro. Ruth fez, ainda em 1948, *Falta Alguém no Manicômio* (José Carlos Burle); em 1949, participou de *Também Somos Irmãos*, com Grande Othelo, sob a direção de Burle e, em 1950, atuou em *A Sombra da Outra*, de Watson Macedo.

Mas foi na Companhia Cinematográfica Vera Cruz, fundada em 1949 pelos

capitães da indústria paulista, Francisco Matarazzo e Franco Zampari, que Ruth de Souza encontrou espaço e papéis para demonstrar todo seu talento e ganhar projeção nacional e internacional. Foi para lá a convite de ninguém menos do que o diretor e, então, produtor artístico do estúdio, Alberto Cavalcanti. Na filmagem de sua primeira cena na Vera Cruz (do filme *Terra é Sempre Terra*, dirigido por Tom Payne, em 1951), Cavalcanti estava nos bastidores, a observá-la. Ela relata: “Ficou um pouco por lá, me olhando, e depois saiu. Nossa, para mim, aquilo foi desesperador. Fiz a cena tão agoniada, certa de que ele não tinha gostado (...) Eu o encontrei logo depois e disse: ‘O senhor não gostou da minha cena?’ Ele perguntou: ‘Por quê?’ Respondi: ‘O senhor saiu no meio da cena!’ (...) E ele, bem tranquilo: ‘Vi que você estava perfeita, não era preciso ficar.’”¹ E Cavalcanti, claro, tinha toda a razão. Na cena, ela interpreta Bastiana, colona da fazenda em que o personagem de Abílio Pereira de Almeida é o capataz. Logo de manhã, ele bate na porta do casebre da empregada, tentando acordá-la para que faça o café. Ela reage com um misto de desdém e revolta, negando-se a ir. A expressão em seu rosto e o tom de voz são exatos, numa composição perfeita de “contida” insubordinação. Seu papel é pequeno, mas algumas de suas falas são veículos de parte da crítica social presente no texto de Abílio Pereira de Almeida² como, por exemplo, quando Lina (Marisa Prado) diz que o filho da empregada é bonzinho, por não incomodar nada, Bastiana reage: Não é bondade não, é tristeza. Filho de pobre já nasce triste”, ou quando diz, também para Lina: “Homem é coisa que não presta mesmo. Quando casa com a gente é só pra mulher ter de lavar roupa pra ele, cozinhar pra ele, apanhar dele”. Essas e outras falas, na interpretação de Ruth de Souza, ajudam a construir a densidade de crítica social deste filme subestimado, que ainda aguarda uma revisão.

Sobre os bastidores de *Terra é Sempre Terra*, Ruth de Souza conta uma estória que dá bem a medida de sua consciência social e de seu papel na luta pela igualdade racial no país, desde o início de sua carreira. Sua ação profissional em si, de uma carreira de mais de meio século, mais do que qualquer ação política mais explícita que possa ter desempenhado, teve um papel muito

importante na afirmação do valor do povo negro em nosso país. Conta ela que, ao vê-la escalada para o papel de Bastiana, Abílio Pereira de Almeida protestou, dizendo que seria muito magra para ser uma colona. “Eu pensei que você fosse uma mulher gorda”, disse ele. Ao que Ruth respondeu prontamente: “Mas você já viu colona gorda? Você está me confundindo com a Mammy de ...*E o Vento Levou*”.³ Sem “panfleto”, Ruth, que mal havia chegado, fez um dos homens fortes da Vera Cruz ver o quanto de colonizado e preconceituoso era seu olhar sobre a personagem negra de seu filme.⁴

Logo depois de *Terra é Sempre Terra*, Ruth de Souza atuou em *Ângela* (Abílio Pereira de Almeida e Tom Payne, 1951). A atriz interpreta Divina, empregada de Vanju, personagem de Inezita Barroso. Divina é uma moça dissimulada, de língua ferina, que participa com entusiasmo e interesse das armações da patroa sobre seus incautos admiradores. Ruth a constrói de modo a fazê-la completamente diferente de sua Bastiana. São outros os olhares, as expressões, a movimentação do corpo e a entonação da voz. E Ruth de Souza vai desvelando, a cada personagem, seu talento e sua capacidade de interpretação.

E então veio Sabina, de *Sinhá Moça* (Tom Payne e Oswaldo Sampaio, 1953), mais uma personagem coadjuvante, mas ao qual Ruth de Souza emprestou tal grandeza que, com ela, encontrou reconhecimento nacional e internacional⁵. *Sinhá Moça* aborda os últimos anos da escravidão no Brasil, com personagens, brancos e negros, envolvidos em questões abolicionistas. Ruth interpreta Sabina, uma escrava vítima de violência na fazenda, que empreende uma fuga arriscada junto a outros tantos negros escravizados.

É verdade que o filme se dedica prioritariamente a apresentar as opiniões e atitudes dos brancos em relação à abolição no Brasil, mas há de se reconhecer que também deixa bastante claras as condições de vida dos escravos no Brasil do século XIX. Retrata sua inconformidade com a escravidão e seus desejo e esforços pela liberdade. Se, por um lado, destacam-se os esforços de brancos abolicionistas, por outro explicita-se a ação efetiva de negros pela libertação de seu povo. Apesar de coadjuvante, Sabina torna-se personagem central nessa parte do discurso do filme.

Já em sua primeira aparição, Ruth de Souza protagoniza uma das melhores sequências de *Sinhá Moça*. A sinhazinha branca (Eliane Lage) toca piano para seus familiares e convidados, na casa grande; a câmera se afasta e, lá fora, nos permite ver imagens que nos dizem que Sabina está sendo violentada por Benedito (Ricardo Campos), capataz da fazenda. Ruth modula magistralmente a expressão facial, o movimento do corpo ao caminhar, depois do estupro, em direção à câmera que a acompanha num *travelling* para trás, de volta à senzala, até desabar ao lado de uma grade que tem, do outro lado, Fulgêncio (João da Cunha), o escravo que a ama e a consola, estendendo-lhe a mão. Tudo isso emoldurado sonoramente pela música que Sinhá Moça toca, na casa grande. A simultaneidade das ações e a constância da mesma trilha musical explicitam a perversidade das relações entre a casa grande e a senzala, no Brasil, e o alheamento e/ou a convivência que existem naquela sobre o que acontece nesta, mesmo que alguns de seus habitantes brancos estivessem repletos de boas intenções. A excelência da sequência reside, sem dúvida, num tripé composto pela trilha musical, pela direção e pela interpretação de Ruth de Souza.

Na sequência do açoitamento e morte de Fulgêncio, Sabina, não suportando ouvir os açoites, irrompe pelo corredor da igreja onde assistia à missa e rasteja no altar, pedindo, a Frei José (Eugênio Kusnet) que interceda. O frei a levanta e correm até o pelourinho, mas é tarde; Fulgêncio é retirado do tronco mas morre em seguida, para desespero de Sabina. Estão ali, Eliane Lage, Anselmo Duarte, Eugênio Kusnet, mas a sequência, mais uma vez, é de Ruth de Souza. E podemos citar ainda mais uma sequência em que Ruth de Souza se destaca: trata-se da fuga dos escravos e, nela, há uma cena em particular que merece ser lembrada: Sabina e Justino (Henricão), líder da fuga, são apresentados em câmera baixa, sentados em uma pedra; cabeças erguidas, decidindo o destino de Benedito, o capataz, levado preso pelos negros em fuga. A imagem não deixa dúvidas sobre a altivez e a dignidade dos personagens retratados, sua força e determinação.

Seu último trabalho na Vera Cruz foi a Manuela de *Candinho* (Abílio Pereira

de Almeida, 1954). Trata-se da empregada da fazenda que traz a notícia sobre o garoto encontrado numa cesta, no rio e que, anos depois, aconselha a esse mesmo garoto, já adulto, Candinho (Mazzaropi), a ir fazer a vida longe daquele lugar, onde era tratado como escravo pelos pais adotivos. Mais outros três lançamentos e a Companhia Cinematográfica Vera Cruz encerraria suas atividades. Dentre o imenso legado da empresa paulista está, certamente, o de ter propiciado espaço para que Ruth de Souza pudesse nos apresentar, em definitivo, seu enorme talento e sua maestria no lidar com personagens, por pequenos que fossem, trazendo-lhes à tona, aos olhos de todos, no *écran*, sua mais profunda humanidade. Ruth diz que é preciso que o ator faça o personagem pensar, sobre Sabina, ela diz “Ela tinha um olhar. Ela sabia pensar.”⁶ Talvez aí esteja um de seus segredos, que desvelamos a cada personagem, mirando-lhes o olhar, através dos encantadores olhos de Ruth de Souza.

NOTAS

¹ JESUS, Maria Angela. *Ruth de Souza – estrela negra*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004, p. 56, 57.

² *Terra é Sempre Terra* é uma adaptação para o cinema da peça *Paiol Velho*, de Abílio Pereira de Almeida.

³ JESUS, Maria Angela. Op. cit., p. 30 e 31.

⁴ Na montagem da peça, no TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), em 1951, Bastiana fora interpretada por Zeni Pereira, excelente atriz cujo biotipo era mais afeito ao de mammy.

⁵ Com *Sinhá Moça* Ruth de Souza concorreu ao prêmio de melhor atriz, no Festival de Cinema de Veneza, de 1953. Entre as indicadas estavam Katharine Hepburn e Lilli Palmer (ganhadora do prêmio).

⁶ JESUS, Maria Angela. Op. cit., p. 99.

“Ruth de Souza é simplesmente minha grande e maior referência. A mulher que me fez acreditar ser possível ser atriz nesse país que pode ser tão tão cruel a nós, negros. O que mais gostaria de dizer? Dona Ruth, muito obrigada por tudo! Agradeço em meu nome, em nome da minha filha e de todas as mulheres negras desse país por você ser tão inspiradora.”

TAÍS ARAÚJO, atriz

“S^{ra}. Ruth sempre foi uma referência para mim. Ela é uma atriz que ultrapassa gerações e atua de forma marcante, como ninguém. Foi uma referência minha quando criança. Sabe quando pensamos o que queremos ser quando crescer? Com certeza, eu queria ser Ruth de Souza.”

CACAU PROTÁSIO, atriz

“Eu só quero agradecer!!!! Agradecer por ter aberto as portas para os atores negros e ter tido coragem, inteligência e sabedoria pra conquistar e permanecer!

Obrigada, Ruth!

Hoje como atriz negra que sou, tenho orgulho de trilhar e estar usufruindo de um espaço adquirido por você e por tantos outros artistas talentosos que souberam driblar o preconceito e seguir firme...

Sempre em frente...”

CINTIA ROSA, atriz

“Ruth Souza

Ruth de Souza...

Qual palavra que vem ao meu coração quando digo teu nome?

Esse nome que é cheio de cor, arte, amor e luta.

Esse nome que me inspira... Me dá referência, fortalecendo minha identidade e raiz.

Transbordando-me de orgulho em ser mulher, negra e artista.

Essa palavra querida Ruth.

Só pode ser gratidão.

Obrigada irmã.”

SABRINA ROSA



PATRIMÔNIO CULTURAL

HERMES FREDERICO

Uma atriz dotada de “star quality”. Um dos monstros sagrados das artes cênicas brasileiras. Uma diva. Uma dama do teatro. Uma dama da TV.

E foi exatamente através da TV que Ruth Pinto de Souza, ou simplesmente Ruth de Souza, tornou-se conhecida de norte a sul do Brasil e todas as denominações ditas acima foram sentidas pelo público brasileiro.

Graças à penetração da televisão, milhões de brasileiros, de todas as faixas etárias e sociais, usufruíram do talento de Ruth de Souza.

Já despontando no teatro e no cinema, Ruth aderiu à televisão nos anos 1950, participando daquilo que o público mais apreciava na época: os tele-teatros. Da mesma forma que suas colegas Cacilda Becker, Cleyde Yáconis, Fernanda Montenegro, Nathalia Timberg e Tônia Carrero.

Com as telenovelas em ascensão, Ruth estreia no gênero, na TV Excelsior, em 1965, pelas mãos de Walter Avancini. A novela era *A deusa vencida*, de Ivani Ribeiro; no papel de Narcisa, ela chama atenção do grande público, ao lado de Tarcísio Meira, Glória Menezes e da também estreante Regina Duarte.

Em 1968 é contratada pela TV Globo para participar de *Passo dos ventos*, na qual a sua interpretação como Mãe Tuiá impressiona o público e a autora, Janete Clair, com quem Ruth cria uma parceria definitiva.

A doce e determinada Cloé, de *A cabana do Pai Tomás*, em 1969, possibilita

um reencontro com Sérgio Cardoso, seu grande amigo e outro monstro sagrado do teatro e da televisão. A química entre os dois era evidente e comovente.

Entra na era moderna das novelas da TV Globo, com *Verão vermelho*, de Dias Gomes, outro parceiro, na qual o preconceito racial era profundamente discutido. Ruth interpretava Clementina, mãe negra rejeitada pela filha branca vivida por Lúcia Alves. Mais um show de interpretação e uma grande amizade até hoje com Lúcia.

O casal Dias Gomes e Janete Clair valorizou o talento de Ruth em suas novelas. E com uma interpretação minuciosa e diferenciada, Ruth retribuiu.

De Janete, sua presença é até hoje lembrada pela Das Dores de *O homem que deve morrer*, em 1971, ou pela Elisa, de *Duas vidas*, em 1977 ou Jerusa de *Sé-timo sentido*, em 1982.

E como esquecer de Chiquinha do Parto, de *O bem amado*, em 1973, de Dias, ou da ativista ambiental Adelaide, de *Sinal de alerta*, em 1978, e da mãezona Zezé, ao lado de Grande Otelo, em *Mandala*, em 1987, ambas também do Dias.

As novelas proporcionaram a Ruth um reencontro, também, com o grande dramaturgo paulista Jorge Andrade, com quem trabalhara no TBC (Teatro Brasileiro de Comédia). Participou de duas belas novelas de Jorge, na Globo, *Os ossos do barão*, em 1973, como Jerusa, neta bastarda do barão e *O grito*, em 1976, como Albertina.

Sua precisão interpretativa aliada a uma elegância cênica rara, tornaram-na presença relevante nas novelas de época comandadas por Herval Rossano. Foi a Madalena de *Helena*, em 1975, a Justina de *Sinhazinha Flô*, em 1978, Mariana em *Olhai os lírios do campo*, em 1980 e Mãe Quitinha, em *Pacto de sangue*, em 1989.

Assim como no cinema, brilhou nas duas versões de *Sinhá Moça* para a televisão. A primeira em 1986 vivendo Balbina, ao lado de Grande Otelo, e a segunda, em 2007, como Mãe Maria, com Milton Gonçalves.

Trabalhou com Gilberto Braga em *Corpo a corpo*, na pele de Jurema, mãe de Zezé Motta, em 1984; voltou a Ivani Ribeiro em *Quem é você?*, como Isolina em 1996 e com Glória Perez foi Dona Mocinha, a avó de *O Clone*, em 2001.

Atriz versátil, estudiosa, nunca se repetindo, Ruth também participou das minisséries *Memorial de Maria Moura*, como Siá Mena, em 1994 e *Madrinha de Amazônia*, em 2007.

Participou de vários *Caso Verdade*, *Você Decide*, *Caso Especial*. É inesquecível a sua atuação como Carolina de Jesus num especial.

Ruth de Souza tem, portanto, uma presença definitiva na televisão. E é merecedora de todas as homenagens e reverências que lhe façam.

Ruth de Souza é arte genuína. Um patrimônio cultural brasileiro.

Bravo!



“Ela tem porte de rainha e faz parte da realeza da TV brasileira.
Ruth de Souza é altiva, simpática, sincera ao extremo, sem temores
de dizer o que pensa”.

AGUINALDO SILVA, escritor



OS SINÔNIMOS DE RUTH DE SOUZA

JOEL ZITO ARAÚJO

Talento, elegância e pioneirismo são três palavras que poderiam ser sinônimos de Ruth de Souza. O seu talento será revelado no início dos anos quarenta, a partir do encontro com o grande líder negro Abdias do Nascimento, criador do TEN — Teatro Experimental do Negro. Sob a direção de Abdias, em maio de 1945, ela foi a estrela do primeiro elenco negro que se apresentou no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, estreando a adaptação da peça *O Imperador Jones* de Eugene O'Neill e, simultaneamente, lançando o TEN.

Nos anos mil novecentos e cinquenta, por sua atuação no filme *Sinhá Moça* (1953), ela concorreu ao grande prêmio Leão de Ouro do Festival de Veneza, disputando com nomes gigantescos como Katharine Hepburn (quatro vezes vencedora do Oscar), Lili Palmer e Michele Morgan. E assim ela foi também a primeira atriz brasileira de cinema a ser indicada para um prêmio internacional desta magnitude. A partir daí, ela interpretará uma grande diversidade de papéis no teatro, no cinema e na televisão, atravessando décadas. Em 2005 receberá o kikitó de melhor atriz pela sua atuação em meu filme *Filhas do Vento*, mais uma vez participando de uma atividade pioneira, um filme brasileiro com elenco e diretor negro, em temática contemporânea, que recebeu oito grandes prêmios no Festival de Gramado.

A elegância é outro traço que marca a nossa grande dama negra, como pode ser visto em suas fotos publicadas em revistas históricas, desde a ines-

quecível *O Cruzeiro e Você*, voltada para o mundo da TV e do Cinema, onde ela foi também um de seus colunistas. Na Revista *Você*, ela escreveu sobre moda, elegância, filmes e sobre o mundo cinematográfico norte-americano, no período de 1956 a 1959, como resultado do período em que passou nos Estados Unidos como bolsista da Fundação Rockefeller. Seguramente, ao fazer isto, ela foi também a primeira mulher negra a escrever regularmente em um periódico de TV e cinema no Brasil.

Discrição, determinação e dedicação também poderiam muito bem descrever a nossa querida Ruth de Souza. Sem muito esforço, seguramente encontraremos muitas outras palavras, pois esta rápida introdução não permite resgatar toda a riqueza de sua trajetória e o todos os adjetivos possíveis de serem sinônimos para ela. Mas não podemos nos furtar de encontrar as dificuldades que enfrentou pelos sinônimos negativos que a palavra negro herdou do racismo brasileiro.

Embora tenha tido uma carreira ímpar, ela não escapou do destino de 95% dos atores e atrizes negras na TV e no cinema brasileiro. E nenhum deles parece ter escapado do papel de escravo ou serviçal nos mais de 50 anos de história das telenovelas brasileiras. Mesmo para aqueles que quando chegaram à televisão já tinham um nome solidamente construído no teatro ou no cinema, como Grande Otelo, Milton Gonçalves e Zezé Motta. Esta afirmativa pode ser constatada desde que a telenovela tornou-se um programa diário da TV brasileira, em 1963. Não podemos deixar passar em branco que nos primeiros cinquenta anos da nossa televisão, em dois terços de suas telenovelas não constatamos em nossas pesquisas nenhuma presença de atores e atrizes negras, nem mesmo como atores secundários. Essa falta de oportunidades de papéis para a imensa maioria deles, sejam como personagens centrais, secundários, bons ou maus, pode ser melhor entendida quando verificamos que entre os cerca de 400 cineastas em atividade, que conseguiram lançar pelo menos um filme de longa-metragem nas salas de cinema, apenas 9 (nove) são negros.

Embora Ruth de Souza tenha feito uma carreira excepcional, somente em

2005, depois de mais de sessenta anos de atuação, ela ganharia um prêmio de melhor atriz num Festival de Cinema no Brasil. Com uma carreira que conta com 32 longas-metragens, 25 peças de teatro e 46 telenovelas e minisséries, a televisão e o cinema nunca celebraram devidamente em prêmios a qualidade de suas atuações. Apesar do seu reconhecimento nacional, a maioria dos papéis em que foi convidada a atuar na TV e no cinema, não escapavam do estigma de representar o negro como subalterno e inferior racialmente. O estigma de ser negra em uma sociedade que valoriza acentuadamente os arianos e o branqueamento, os personagens oferecidos para os atores e as atrizes negras sempre estiveram limitados pelo estigma de feios e secundários socialmente, e por isto de pouca relevância para a trama. Com poucas e recentes exceções, o protagonismo surgiu para alguns deles como oportunidade em papéis e personagens que representavam a marginalidade e a violência, a exemplo de *O Assalto ao trem pagador*, *Cidade de Deus*, *Carandiru* e *Madame Satã*.

O rosa não é sinônimo só de amor, ou o branco só de dor, o preto ou negro não devem continuar sendo sinônimos de horror, inferioridade e subalternidade. Especialmente depois de considerarmos que, com a carreira de uma estrela como Ruth de Souza, e toda a contribuição que ela deu para o teatro e o audiovisual brasileiro, a nova geração de atores e atrizes tem melhores chances de conseguir bons papéis. E seguramente encontrarão novos diretores com cabeças distintas do passado, que possam ir além dos limites impostos por nossos preconceitos, ultrapassando a força e os obstáculos do poderoso e mentiroso mito que somos um exemplo de democracia racial.



“Sempre admirei a **Ruth de Souza**, não só como atriz, mas pelo seu jeito elegante e discreto, contudo só a conheci quando na produção de *Pureza Proibida* o seu nome foi indicado pelo grande mestre de fotografia **Rui Santos**.

Foi um grande prazer contracenar com uma atriz do seu quilate, que deu a personagem a carga dramática na medida certa. Era um prazer e um grande aprendizado vê-la em cena. Considero uma sorte ter trabalhado com está grande atriz que sempre deu aos seus trabalhos talento, altivez e doçura, nunca errando nas medidas.

Agradeço aos Deuses das artes ter me concedido o privilégio de trabalhar com essa pessoa maravilhosa de quem me tornei amiga e não só isso: continuo a admirar a grande atriz que sempre foi e será.

Obrigada **Ruth de Souza** por existir em nossas vidas, beijos”

ROSSANA GHESSA, atriz



“Tive a graça e a alegria de trabalhar com Ruth e posteriormente contrata-la para fazer *A Morte Comanda o Cangaço*. Amiga de amigos meus, como Alberto Ruschel e Marisa Prado, tivemos uma bela convivência e um resultado altamente satisfatório no trabalho. Boa de decorar texto e sempre atenta na orientação do diretor, irrepreensível profissional, Ruth tem sido sempre aquela artista que não se esquece. Nas apresentações que faço do meu *Cangaço*, sempre realço a Rezadeira, muito aplaudida no exterior, principalmente no Festival de Berlim. Justíssima homenagem que ora presenciamos com orgulho e afeto.”

AURORA DUARTE, atriz



RUTH DE SOUZA

ATRIZ IMPRIME ELEGÂNCIA, ALTIVEZ E DOÇURA A SEUS DESEMPENHOS

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Pouco mais de quatro anos nos separam do mês de maio de 2021, quando o Brasil festejará o centenário de uma de suas grandes atrizes de teatro, cinema e TV, a carioca Ruth de Souza. Uma pioneira, a quem os atores — os negros em especial — devem muito. Afinal, além de atuar em dezenas de telenovelas, filmes e peças, e de militar, com elegância e ponderação, na defesa de espaços e direitos para os atores afro-brasileiros, Ruth de Souza pode orgulhar-se de ter sido a primeira atriz negra a pisar no palco do elitista Theatro Municipal do Rio de Janeiro. E o fez junto com o Teatro Experimental do Negro, comandado por Abdias do Nascimento (1914-2011), em *O Imperador Jones*, texto do festejado dramaturgo norte-americano Eugene O'Neill.

Depois de frequentar um curso de aperfeiçoamento nos EUA, Ruth regressou ao Brasil e, desde a década de 1940, só viveu de e para seu ofício. Estreou no cinema numa comédia maluca, que tinha Oscarito à frente do elenco (*Falta Alguém no Manicômio*). Em seguida, atuou em drama épico, que recriava *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado (1912-1991), romancista baiano que fez do povo negro da Bahia seu principal personagem. *Terra Violenta* (1949), nome que rebatizou a saga amadiana, segundo longa-metragem de Ruth de Souza, mobilizou um diretor estrangeiro, Eddie Bernoudy (1901-1978). Mas o Brasil era seu principal foco e a Atlântida Cinematográfica, empresa pioneiramente preocupada com a questão racial, sua produtora.



Alinor Azevedo

Se Abdias do Nascimento marca presença fundamental na trajetória teatral da jovem Ruth, outro nome, Alinor Azevedo, brilhará nos créditos de dois dos mais importantes filmes em que a atriz atuou: *Também Somos Irmãos* (José Carlos Burle, 1949) e *O Assalto ao Trem Pagador* (Roberto Farias, 1962). Alinor escreveu o roteiro do drama racial que deu protagonismo absoluto a dois atores negros (Aguinaldo Camargo e Grande Otelo) e que tinha Ruth no elenco. Colaborou, também, com Roberto Farias no filme que Ruth considera, junto com *Sinhá Moça* (Tom Payne & Oswaldo Sampaio, 1953) e *As Filhas do Vento* (Joelzito Araújo, 2004), os momentos mais luminosos de sua carreira.

Como a atriz, o incansável Alinor Azevedo (1913-1974) foi defensor categórico da presença do negro nas histórias e créditos de nossa então precária produção cinematográfica. Desde *Moleque Tião* (José Carlos Burle, 1943), filme que narra a história do jovem Sebastião Prata (o pequeno Grande Otelo), passando por *Também Somos Irmãos* e desaguando em *O Assalto ao Trem Pagador* o jornalista, militante político e grande roteirista Alinor Azevedo fa-

zia questão absoluta de colocar personagens (e atores) negros em destaque nas tramas que escrevia.

O pesquisador e professor universitário Luís Alberto Rocha Melo registra em “Argumento e Roteiro: O Escritor de Cinema Alinor Azevedo” (sua dissertação de mestrado, aprovada com louvor, pela UFF-Universidade Federal Fluminense, em 2006), testemunho sobre o quanto o roteirista priorizava a questão negra nos filmes que tinham seu nome nos créditos:

— “Roberto Farias construiu a fita (*O Assalto ao Trem Pagador*), escreveu toda ela. Então, eu ouvi (esta) história e fiquei anotando algumas coisinhas rapidamente, enquanto ele lia. Quando acabou, eu disse: ‘o principal disso tudo você não fez. É este contraste do negro e do branco’. Os negros assaltantes são pobres, tão miseráveis, tão favelados que não podem gastar o dinheiro do assalto. Isto é o mais importante nessa fita, porque fitas de assaltos existem milhares, mas com essa nuance é uma coisa fora do comum. (...) O único que pôde gastar foi o branco (personagem de Reginaldo Farias), que diz para o Tião Medonho (Eliezer Gomes): ‘eu posso gastar, porque sou branco, eu tenho olho azul!’. Aquele diálogo foi meu”. (Depoimento de Alinor ao MIS-Rio, em agosto de 1969).

Dignidade e doçura — Ruth de Souza tem imenso carinho pela personagem que interpretou em *Sinhá Moça*. Como os protagonistas do filme eram Eliane Lage (a *Sinhá Moça*) e Anselmo Duarte (um advogado abolicionista), coube a Ruth papel de coadjuvante. Mas ela se entregou a ele com tamanha paixão, que se fez notar no Festival de Veneza, a ponto de ser lembrada como candidata à Copa Volpi de melhor atriz.

No caso de *O Assalto ao Trem Pagador*, a história registra fato digno de lembrança. Ruth tinha, na época, 40 anos (embora aparentasse bem menos). Quando foi convidada a integrar o elenco do filme, o quinto longa-metragem de Roberto Farias, pensou que lhe caberia a função de esposa de Tião Medonho, o líder dos favelados-executores de ardiloso assalto a um trem pagador. Ficou surpresa quando o cineasta avisou que ela seria a amante de Tião. A esposa seria interpretada por outra atriz (Luiza Maranhão, então no esplendor de seus 20 anos).

Ruth conta nos extras do DVD de *O Assalto ao Trem Pagador* (CTAv-Funarte, 2003), que resolveu transformar a amante de Tião Medonho em uma “segunda esposa”. Quem assistir ao filme jamais duvidará de seu intento, pois ela deu à personagem doçura, dignidade e altivez únicas.

Própria história — Ruth de Souza recebeu de Joel Zito Araújo, cineasta e pensador do papel do negro no audiovisual brasileiro (*A Negação do Brasil*, livro e longa documental), um de seus papéis mais notáveis: o de Cida, atriz que se afastou da família por longos 45 anos e que não se entende bem nem com a própria (e única) filha (Maria Ceíça). Afastou-se, em especial da irmã, Maria d’Ajuda (Léa Garcia), mulher interiorana, que seguiu junto aos muitos parentes (incluindo filhos de vários pais).

Para construir o argumento de seu filme (roteirizado por Di Moretti), Joelzito buscou na própria trajetória de Ruth de Souza uma de suas principais matérias-primas. Afinal quem, entre os atores negros brasileiros, construiu carreira tão longeva e digna? E que — ao mesmo tempo — foi obrigada a sublimar a dor de interpretar, na maioria das vezes, papéis coadjuvantes ou até mesmo secundários. E, o que é pior, enfrentar longos períodos sem trabalho. Em mais de sete décadas de carreira, Ruth de Souza, se fosse uma atriz branca, teria feito o dobro (quem sabe até o triplo) dos filmes (e telenovelas) que fez.

Amada por seus pares (o ator Lázaro Ramos a tem como mestra maior), Ruth fez por merecer um perfil na Coleção *Aplauso* (Imprensa Oficial de São Paulo, 2004), escrito por Maria Ângela de Jesus, nome da linha de frente da HBO Brasil, e foi tema de tese de doutorado transformada em livro — *Uma Estrela Negra no Teatro Brasileiro: Relações Raciais e de Gênero nas Memórias de Ruth de Souza* (UEA Edições, 2015) — escrita por Júlio Cláudio da Silva, professor da Universidade Federal do Amazonas.

Rever seus filmes constitui oportunidade de reencontrar uma atriz que procurou dar o melhor de si a todos os personagens que interpretou. Mesmo àqueles de curta duração e complexidade.

“Seu porte altivo, sua expressão de desafio e a fala firme e direta dão-lhe uma dignidade inconfundível, herança atávica cujas raízes estão mergulhadas em alguma savana africana.”

HAROLDO COSTA, ator, escritor, produtor e sambista

“Desde pequena eu já achava bacana, aquela negra ‘bonitaca’... Que a Ruth tem uma atitude né? Um jeito assim de princesa, de rainha”

SANDRA DE SÁ, cantora

“Tive um encontro muito especial com ela, por ocasião dos 120 anos da abolição da escravidão no Brasil. Naquele dia eu tive uma aula de empoderamento. Uma aula de empoderamento da mulher negra.”

LUCIANA BARRETO, jornalista



MULTIPLICISMO

RODRIGO FONSECA

Mais do que um reconhecimento a uma das carreiras mais longevas das artes de atuar no Brasil, com 68 anos de audiovisual no currículo, e mais do que a celebração da força poética da raça negra nas telas, a mostra em tributo à atriz Ruth de Souza é a oportuna saída para se rever em um espaço nobre filmes que, há anos, ganham apenas nota de rodapé nas páginas da história de nosso cinema. O volume de pepitas a se garimpar é farto, pois a carreira desta atriz monumental (em talento e simbolismo social) é feita da fartura de gêneros, formatos e convites de cineastas pouco estudados. Multiplicismo é a definição mais pomposa para o coletivo de longas-metragens (e mesmo de novelas ou séries) estrelados pela filha de Adelaide Pinto e Sebastião Joaquim Souza.

Ao lado de *Sinhá Moça* (1955) e do thriller dos thrillers *O Assalto ao Trem Pagador* (1962), Ruth injetou vida a produções que carecem de uma revisão urgente no que diz respeito à expressão da brasilidade e ao registro de comportamentos hoje distantes de nosso olhar. Por seu espírito transgressor e sua centelha marginal, *Ladrões de Cinema* (1977), de Fernando Coni Campos, talvez seja a atração mais obrigatória, em função de sua inflamada defesa da anarquia e da inclusão da pobreza pela câmera. No terreiro dos autores, a atriz ceceu seu talento para Nelson Pereira dos Santos fazer um filme com o sangue, o suor e as lágrimas do boxe (perfumado de Jorge Amado): *Jubiabá* (1987). E

como esquecer da autoralidade agri-doce de José Carlos Burle em *Falta Alguém no Manicômio* (1948) e *Também Somos Irmãos* (1949), ambos marcados pelo requinte dos enquadramentos deste diretor com alma de (Frank) Capra.

O estilo de Ruth, com seu falar mansinho, sua habilidade de se fazer invisível em cenas nas quais a diluição dos excessos é uma imposição, alimenta de elegância filmes como *A Morte Comanda o Cangaço* (1960), um “nordestern” que exemplifica o padrão mais clássico de narrar de Carlos Coimbra. Foi um dos poucos diretores brasileiros a criar uma épica cinematográfica própria. Encontra-se uma singularidade na conjugação do verbo enquadrar também em *Ana, a Libertina*, de 1975, que nos abre uma janela para a técnica de Alberto Salvá, um cineasta de um rigor invejável na composição de planos.

Da lavra mais recente de Ruth, há sempre que se tirar um tempo para o melodrama *Filhas do Vento*, pelo qual ela papou um merecido Kikito em 2004. Sua importância é menos por tintas étnicas e mais pela pujança dos diálogos filmados por Joel Zito Araújo em sua afirmação da liberdade feminina. Encontramos trechos e traços dela também em *A Negação do Brasil*, no qual Joel exercita seu lado documentarista. E há muito para ele extrair de real, de verdade, de uma atriz que há mais de seis décadas opera em nosso imaginário como um signo de integração.





VERA CRUZ *apresenta* **SINHÁ M**
Dirccão TOM PAYNE *Produção* EDGARD BAPT



MOÇA - Anselmo DUARTE Eliane LAGE
TISTA PEREIRA Distribuição COLUMBIA PICTURES



OS OLHOS DE RUTH DE SOUZA

RITA A. C. RIBEIRO

Minhas primeiras recordações da atriz Ruth de Souza vêm da infância. Não consigo me lembrar de qual novela, mas me recordo, com clareza de seus olhos. A expressão do olhar de Ruth sempre me acompanhou, ao longo dos anos. Não que eu tenha me dado conta disso até há pouco tempo, quando revi *Sinhá Moça*.

Sinhá Moça, dirigido por Tom Payne em 1953 é um clássico da pretensão hollywoodiana que perseguiu o cinema brasileiro. Produzido pelos estúdios Vera Cruz, o filme segue à risca os cânones do cinema norte-americano dos anos 40/50: um casal de mocinhos bem intencionados — Eliane Lage e Anselmo Duarte, que se antagonizam, ela abolicionista e ele defensor da escravidão, mas que age como um paladino às escondidas militando na causa da abolição, se encontram no interior de São Paulo e vivem os dramas que as atrocidades cometidas pela classe dominante da cidade de Araruna promovem contra os escravos, que tentam a todo custo, se libertar.

A abordagem do drama da escravidão não poderia ser mais óbvia: os negros ignorantes e indefesos, que agiam por instinto, precisavam ser protegidos pelos brancos bondosos. O mais curioso no filme é que, no final da história, quase ninguém apoiava a escravidão. Mas essa parte, deixaremos para os historiadores explicar. Apesar de bem intencionado, o filme peca, não apenas pelo roteiro naïve, mas também pela qualidade técnica. A captação de som,

longe do ideal de Hollywood, compromete grande parte das cenas. Mesmo aquelas gravadas em interior apresentam diálogos incompreensíveis, como a fala do Padre Cesário durante o jantar na fazenda do Coronel Lemos Ferreira, pai de *Sinhá Moça*.

A jovem Ruth de Souza interpreta a escrava Sabina, vítima de diversos abusos e que, por fim, auxilia na rebelião e fuga dos escravos. Bom, este é o ponto do artigo. Submissa e vítima de abusos, o caráter determinado da atriz se traduz na postura de resistência da escrava, que ajuda a conduzir seus irmãos rumo à liberdade e ao fim dos maus tratos. Nenhuma outra atriz poderia ter interpretado o papel com tanta propriedade como Ruth.

Sua formação vem do teatro. Mais especificamente, do Teatro Experimental do Negro, criado em 1944 por Abdias do Nascimento, um marco na luta pela igualdade dos direitos civis em nosso país. O dramaturgo Nelson Rodrigues em entrevista para ao Jornal Quilombo de 1948 afirmou: “É preciso uma ingenuidade perfeitamente obtusa ou uma má fé cínica para se negar a existência do preconceito racial nos palcos brasileiros. Os artistas de cor, ou fazem moleques gaiatos, ou carregam bandeja ou, por último, ficam de fora”. O Teatro Experimental do Negro veio para contestar os papéis tradicionalmente reservados aos negros, que agora se colocavam como protagonistas de suas histórias. Ruth estreia em *O Imperador Jones*, de Eugene O'Neill, em 8 de maio de 1945, no palco do Theatro Municipal no Rio de Janeiro. O reconhecimento de seu talento se confirma com a bolsa de estudos recebida pela Fundação Rockefeller que lhe permite ficar um ano nos Estados Unidos, na Universidade Harvard, em Washington, e na Academia Nacional do Teatro Americano, em Nova York.

No regresso ao Brasil, Ruth participa de diversas produções nas três grandes companhias cinematográficas: Atlântida, Maristela Filmes e Vera-Cruz, onde, por seu desempenho em *Sinhá Moça*, torna-se a primeira atriz brasileira indicada para uma premiação internacional no Festival de Veneza de 1954. Indicada como Melhor Atriz, disputa com estrelas como Katherine Hepburn, Michele Morgan e Lili Palmer, que levou o prêmio por uma diferença de apenas dois pontos.

E seria sensacional se a história terminasse como no filme *Sinhá Moça*, com todos felizes. No entanto, mesmo passados muitos anos e com a emergência e atividade dos movimentos negros, infelizmente, a situação dos negros brasileiros no cinema e na televisão, outro lugar de destaque para a atuação de Ruth de Souza, ainda é muito reduzido. Seria injusto dizer que a situação não mudou, mas tendo uma população do tamanho desta do nosso país, era de se esperar um protagonismo maior dos atores negros nos filmes, séries de televisão e telenovelas. Claro que eles existem, mas ainda persiste o estigma de pessoas mais pobres, com profissões menos valorizadas e as eternas empregadas domésticas.

Essa é uma situação indigna, e precisamos de muitas Ruth de Souza com seu olhar. Comecei essa história me lembrando do olhar de Ruth. E agora explico por que. Mesmo fazendo papéis subalternos, como a escrava Sabina, o olhar de Ruth revela uma rebeldia e uma força que impressionam. Seu olhar é de majestade e nunca de escrava. Lição que todos nós brasileiros deveríamos aprender.

DE PROPAGANDA
JÁ FOI CENSURADO
E APROVADO PELO
S. C. D. P.



Produções Cinematográficas HERBERT RICHERS
apresenta
Uma produção de HERBERT RICHERS e ROBERTO FARIAS
Direção de ROBERTO FARIAS
Todos os direitos reservados

**O ASSA
TREM PA**



ALTO AO AGADOR

apresentando ELIEZER GOMES

no papel de "Tio Medonho"

com REGINALDO FARIAS RUTH DE SOUZA

JORGE DORIA ATILA IÓRIO A FREGOLENTE

HELENA INÉS MIGUEL ROSEMBERG

Participação especial de GRANDE OTELO



“Gostei muito desse trabalho. Com esse filme aconteceu o seguinte: o diretor Roberto Farias havia me chamado para fazer a amante do Tião Medonho. Mas assim que li o roteiro, percebi que me adaptaria muito mais ao papel de esposa, a mãe das crianças, e não no papel de amante. Nunca me achei com cara de amante. Comentei com Roberto Farias, mas ele me explicou que o papel de esposa era da Luiza Maranhão. Quando cheguei em casa, peguei o roteiro e fui contar quantas cenas ela tinha e quantas cenas eu tinha, e pensei: Como é que eu vou fazer isso? Como que vou mudar minha situação na trama? Acho que consegui. Tanto que agora o Roberto mesmo diz que eu, na verdade, fiz a esposa. Eu era a outra, mas acabei virando a esposa. Consegui inverter tudo. Acho que, como não me sentia a amante, acabei passando isso para a câmera, pois me sentia a mulher daquele homem, com quem tinha uma filhinha e tudo. Ele viajava muito, era um mentiroso, mas ela não sabia das mentiras dele. Na cabeça dela, a esposa era ela! Mas é engraçado que não foi uma coisa planejada, feita de propósito, não. Como queria muito aquela posição da personagem dentro da história, acabei criando essa situação para ela.”

RUTH DE SOUZA



Produção da Hinter-Brasil Internacional Filmes

"O MISTÉRIO DA ILHA DE VENUS"

"Macumba Love"

com WALTER REED
William WELLMAN, Jr.



· ZIVA RODANN · RUTH DE SOUZA · PEDRO PAULO HATHEYER · JEAN THURET
· JUNE WILKINSON Distribuída por UNITED ARTISTS em Eastmancolor



O MISTÉRIO DA ILHA DE VÊNUS

MACUMBA LOVE

CARLOS PRIMATI

Filmes comerciais, de simples entretenimento, vinculados a gêneros populares, como aventura, faroeste, policial, terror etc., costumam ser esquecidos na historiografia do cinema brasileiro, esnobados, menosprezados ou totalmente ignorados pela visão convencional de nossa filmografia. Porém, tais filmes de modo algum deixaram de cumprir seu papel nessa trajetória, e com *Macumba Love*, ou *O Mistério da Ilha de Vênus*, talvez estejamos diante do melhor exemplo dessa vertente que não tem vergonha de investir no oportunismo e faturar alto nas bilheterias. Coproduzido por empresas recém-criadas dos Estados Unidos e Brasil, em 1959, é uma realização de baixo orçamento que contou com uma campanha de divulgação apelativa — espectadores recebiam como brinde, cabeças humanas encolhidas (de plástico) — que resultou em um improvável sucesso financeiro. Um fenômeno tão absurdo quanto lucrativo — e que desapareceu das telas com a mesma rapidez que surgiu.

Macumba Love é um dos muitos subprodutos surgidos da tentativa de implantação de uma indústria cinematográfica no país nas décadas de cinquenta e sessenta, quando surgiram em São Paulo as companhias produtoras Vera Cruz, Maristela e Multifilmes. Essa industrialização passou a atrair cineastas estrangeiros interessados em coproduções, rendendo obras como *Feitiço do Amazonas* (1955), *Curuçú*, *o Terror do Amazonas* (1957) e *Escravos do*

Amor das Amazonas (1958), entre outros, todos falados em inglês, com ênfase nos cenários selvagens pitorescos e exploração do misticismo e da sensualidade nativa. *Macumba Love* faz parte deste ciclo de fitas esdrúxulas, ridículas e absurdas, mas diferentemente dos filmes citados, não tem sua trama ambientada no Brasil — apesar de ter sido filmado em locações na Ilha de Santo Amaro e nas praias do Guarujá, no litoral paulista, seu cenário é localizado de maneira vaga “em uma ilha no Atlântico Sul” onde a prática do *voodoo* é corriqueira.

A trama acompanha o estadunidense J. Peter Weils (o experiente e versátil Walter Reed), um escritor descrente no sobrenatural que investiga superstições nativas em uma ilha tropical com a intenção de escrever um livro desmascarando práticas *voodoo*. Ele namora Venus de Viasa (a beleza israelense Ziva Rodann), uma sedutora milionária local, e tenta convencê-la de que não existem forças malignas por trás da série de mortes misteriosas que ocorrem nas redondezas. A crença local atribui as mortes ao espírito de Damballa, uma serpente que se apossa do corpo de uma mulher. O escritor, no entanto, quer provar que os assassinatos são cometidos pela sacerdotisa Mama Rataloy, vivida por Ruth de Souza. Também chegam ao local, em viagem de lua-de-mel, a voluptuosa Sara, filha do escritor, interpretada pela jovem inglesa June Wilkinson, e o marido dela, Warren, papel defendido por William Wellman Jr.

Macumba Love foi a primeira produção da companhia Brinter Brasil Internacional Filmes, tendo à frente Camilo Sampaio, em parceria com a Allied Enterprises e a Barclay Films International, e equipe técnica de estrangeiros radicados no Brasil, incluindo o fotógrafo austro-húngaro Rudolfo Icsy e os italianos Pierino Massenzi, na cenografia, e Enrico Simonetti, na composição musical. A direção ficou a cargo de Douglas V. Fowley, ator coadjuvante com centenas de participações no cinema e na televisão. Foi seu único filme trabalhando atrás das câmeras, com um resultado medíocre — ironicamente, o papel mais famoso de Fowley foi o diretor de cinema que enfrenta imprevistos técnicos na transição do filme silencioso para o sonoro, na comédia musical *Cantando na Chuva*, de 1952.

Para compensar a direção ordinária e o roteiro banal, assinado pelo desconhecido Norman Graham, o elenco traz atrações suficientes para garantir a diversão. Se Walter Reed parece pouco interessado no papel do escritor, o trio jovem imprime uma dinâmica sexual condizente com o cenário tropical. O galã iniciante William Wellman Jr., então com vinte e dois anos, filho do pioneiro diretor William A. Wellman (*Asas, Inimigo Público, Consciências Mortas, Nasce uma Estrela*), passa grande parte do tempo sem camisa, exalando virilidade e dividido entre a loura e a morena. A loura é June Wilkinson, de dezenove anos, descoberta por Hugh H. Hefner e atração constante nas páginas da revista *Playboy* na época. Suas medidas voluptuosas – 112 cm de busto, 51 de cintura, 91,5 de quadril — lhe valeram o apelido de “The Bosom” (O Busto). Integrava o nicho que tinha subestrelas como Jayne Mansfield e Mammie Van Doren se valendo de seus atributos físicos. Em *Macumba Love*, June tem uma breve cena de *topless* no mar, filmada para o mercado europeu. A morena Ziva Rodann, de vinte e sete anos, no papel de Venus de Viasa, personagem que dá título à versão brasileira do filme, tem números menos fartos: 87 cm de busto, 50 de cintura, 89 de quadril, mas esbanja sensualidade e encanto que são características de sua personagem, em parte, uma serpente. Fora das telas, chamava a atenção por ser ex-soldado do exército israelense.

O papel da rainha *voodoo* Mama Rataloy, a vilã da trama e antagonista do elenco internacional, coube a Ruth de Souza, então com trinta e oito anos e ostentando uma vistosa cabeleira. Todas as melhores cenas de *Macumba Love* têm sua participação, compondo uma feiticeira perversa, enigmática, que não se deixa intimidar diante do intruso que ameaça desmascará-la como uma farsa. O duelo da atriz brasileira é todo com Walter Reed; praticamente todas as suas cenas são com ele, e ainda que o roteiro se desenvolva de maneira a retratá-lo como o herói culto que combate a superstição e a credence, a dignidade mística e majestosa de Ruth de Souza atribui uma camada extra que permite vê-lo como o típico colonizador presunçoso que desrespeita tudo que lhe é estranho: sua ferramenta de argumentação é a Ciência, mas ele pouco difere dos missionários que se apoiam na Religião para combater crenças pagãs.

Ruth foi recomendada a Fowley por Camilo Sampaio, irmão de Oswaldo Sampaio, codiretor de *Sinhá Moça* (1953), e foi contratada — segundo ela mesma conta em seu livro de memórias — basicamente por ser a única atriz brasileira negra que sabia falar inglês. Os demais brasileiros no elenco têm pouquíssimo destaque: Pedro Paulo Hatheyer faz um inspetor incompetente e inútil, que só surge em cena depois de uma hora de filme; Cléa Simões é Symanthemum, uma criada supersticiosa que funciona meramente como um estereótipo do nativo ignorante. O filme abre e fecha com Mama Rataloy comandando demorados rituais que misturam tambores tribais, danças frenéticas e sacrifício cerimonial, nos únicos momentos em que os talentos locais dominam a ação.

As filmagens de *Macumba Love* aconteceram no primeiro semestre de 1959. Seu modesto orçamento de US\$ 365 mil (menos de R\$ 3 milhões em valores atuais) foi recuperado com apenas uma semana de exibição em Phoenix, no Arizona, lançado de maneira independente. Adquirido pela United Artists para distribuição por todos os Estados Unidos, em junho de 1960, faturou impressionantes US\$ 9 milhões (mais de R\$ 73 milhões em cifras corrigidas pela inflação). No Brasil foi lançado pela Fama Film, estreando em 27 de abril de 1960 em São Paulo e em 30 de maio de 1961 no Rio de Janeiro. Também fez sucesso em países como Alemanha, Itália, França e México.

Foi o único filme produzido pela Brinter, que chegou a anunciar outros projetos, como a aventura *Mato Grosso*, ou *Jungle War*, que teria James Mason e Sterling Hayden no elenco, novamente em parceria com a Allied Enterprises e os laboratórios Pathé. Nunca mais se ouviu falar da Brinter e em pouco tempo *Macumba Love* também cairia no esquecimento; um possível motivo para esse sumiço do mercado — segundo William Wellman Jr. cogitou em uma entrevista para a revista *Fangoria* — seria um desentendimento entre os produtores, reivindicando cada um para si a propriedade do filme depois que ele começou a dar lucro. O historiador Tom Weaver, autor desta entrevista, publicada em agosto de 2003, cogita ainda que *Macumba Love* esteja entre os mais lucrativos filmes de horror da década de cinquenta.

Se hoje conseguimos apreciar *Macumba Love* por seu encanto ingênuo e seu exotismo risível — às vezes sua atmosfera mágica evoca o clássico do horror *A Morta-Viva* (1943), produzido por Val Lewton, com suas canções calipso e o conflito entre razão e fé —, ou por apontar o caminho de um cinema comercial viável, a imprensa da época não enxergou virtudes no filme. O jornal *O Estado de S. Paulo* ao menos considerou “auspicioso” o empreendimento, destacando que poderia “significar um benéfico caminho de possibilidades e entendimentos entre o cinema, artistas, técnicos e criadores daqui e de Hollywood”, ressaltando que os cinemas, italiano, francês, inglês e espanhol cresceram a partir dessas parcerias. Quando o filme chegou às telas do Rio de Janeiro, o crítico Carlos Fonseca escreveu no jornal *A Noite*: “É realmente grotesca a falsa compreensão que o cinema americano tem do exótico, do estranho, do bizarro. Mesmo em contato direto com o exotismo, é incapaz de compreendê-lo (...)”. Sobre Ruth de Souza, escreveu: “faz uma espécie de macumbeira, mãe de santo, e se formos nos basear em *Macumba Love* e *A Morte Comanda o Cangaço*, é perigoso que ela venha especializar-se em ‘rezadeira profissional’, o que marcará o fim de sua carreira.” No *Correio da Manhã*, Antonio Moniz Viana sentenciou: “É um filme esquisito.” No mesmo jornal, Valério de Andrade foi mais detalhista: “Não se pode levar *Macumba Love* a sério ou tentar analisá-lo dentro do esquema. O filme é um show colorido em que a imbecilidade e a burrice são os elementos principais.”

Contra tudo e contra todos, *Macumba Love* teve carreira breve e tornou-se objeto de culto nas décadas seguintes. O diretor William Wellman, aposentado na época do lançamento, comentou com seu filho que aquele era o pior filme que já tinha visto, e arrematou: “Se este filme lucrar um centavo que seja, então não aprendi nada em todos os anos que trabalhei no cinema!” Não é para tanto. Talvez Wellman pai tenha apenas subestimado o encanto indecifrável dos filmes ruins.







FILHAS DA NEGAÇÃO DO BRASIL

RAFAEL DOS SANTOS

—Cê sabe que eu sonhei muitas vezes que a gente tinha essa prosa, assim, desse *jeitim*. Eu e ocê, aqui, olho no olho como num último capítulo de novela.

Com estas palavras, já no finalzinho do filme, Maria da Ajuda, a Jú, expressa o desejo de se reaproximar da irmã Maria Aparecida, Cida. E não é que o filme *Filhas do Vento*, de Joel Zito Araújo, bem que poderia ter o seu argumento transformado em uma novela mesmo?

Em sua primeira inserção pela ficção, o diretor demonstra as influências de seu trabalho anterior, o documentário *A Negação do Brasil* (2000), no qual analisou os estereótipos e a falta de protagonismo dos afrodescendentes nas telenovelas entre 1962 e 1994. *Filhas do Vento* (2004) é um drama com a atuação de atores negros de várias gerações, sendo as protagonistas Jú (Léa Garcia) e Cida (Ruth de Souza) oriundas do glorioso Teatro Experimental do Negro (TEN), um marco na dramaturgia brasileira e um bastião de combate ao racismo e na formação de atores negros, sob a liderança de Abdias do Nascimento.

Em uma pequenina cidade mineira, Cida (Taís Araújo/Ruth de Souza) e Jú (Thalma de Freitas/Léa Garcia) são irmãs criadas pelo pai, Zé das Bicicletas (Milton Gonçalves), rancoroso por sua esposa tê-lo abandonado e as suas filhas. Enquanto Cida nutre a vontade de se tornar uma atriz famosa ouvindo radionovelas e interpretando-as, Jú pensa em namorar e viver a vida con-

forme as possibilidades do pacato lugarejo. Um mal entendido faz com que Cida seja expulsa de casa, sem que Jú esclarecesse ao rigoroso pai a verdade do acontecido, fato que nutrirá mágoas e ressentimentos por 45 anos. E o reencontro entre as irmãs só acontece no velório do pai, quando Maria Aparecida (a que aparece) surge e se depara com Maria da Ajuda (aquela que ficou para ajudar o pai e manter o que sobrou da família).

O segredo que fez com que Cida se afastasse de suas raízes também produz ressentimento entre ela e o fruto do seu ventre. Selminha (Maria Ceíça) tem problemas de relacionamento com a mãe, originados da recusa da última em revelar a identidade de seu pai. Cida parece dar-se melhor com a sobrinha Dorinha (Daniele Ornelas), que luta para ser atriz como a tia, enquanto Selminha demonstra construir maiores afinidades com a tia Jú.

Cida, uma solitária atriz de cinema e televisão, carrega as frustrações de sempre ter lutado por papéis que transcendessem os lugares comuns que em geral são a maioria dos papéis reservados a atores e atrizes negras no Brasil. Jú, que nunca deixou o interior, passou a vida cuidando do pai, dos filhos e dos netos, e não constrói uma identidade profissional, seguindo a vida, namoradeira e faceira. Em Cida, há um arquétipo da trajetória de inúmeras atrizes negras cujos depoimentos, Joel Zito se valeu para realizar *A Negação do Brasil* (que também resultou em uma tese de doutoramento, tamanha a densidade do material coletado). Várias questões que envolvem o cotidiano do negro no Brasil estão presentes na obra: solidão da mulher negra, sexualidade, piadas racistas, tensões familiares, identidade profissional e uma lírica reflexão do que é ser negro neste país, sobretudo ser mulher negra. Não é todo dia que se faz isso com poesia e leveza.

Raramente se tem um conteúdo audiovisual com tantos atores e atrizes negros como em *Filhas do Vento*, que ainda nos brinda com a oportunidade de termos a atuação de Zózimo Bulbul, um dos atores favoritos de Glauber Rocha, e exímio cineasta, interpretando Marquim na fase adulta (personagem também interpretado por Rocco Pitanga, na juventude).

As expressões linguísticas regionais e os ditados populares dão uma riqueza

za à obra, complementados por uma boa pesquisa de figurino e uma fotografia que nos faz mergulhar nas Minas Gerais dos anos 1960 em tons pastéis e, 45 anos depois, uma profusão de cores e um realce da pele negra das mulheres de uma família que é a afirmação do Brasil. A música de Marcus Viana, composta especialmente para o filme, emociona e nos prende a atenção à tela (telona, tela, telinha...) em uma épica interpretação de Ladston do Nascimento.

Filhas do Vento bem que poderia servir de argumento para uma telenovela moderna, cheia de personagens negros e com uma carga dramática a altura dos mesmos folhetins que negaram a atrizes e atores como Cida, Dorinha, Ruth de Souza, Léa Garcia, Grande Othelo, Milton Gonçalves e tantos outros, a possibilidade de serem protagonistas e sem papéis estereotipados. Não foi coincidência que Cida ouvisse a radionovela *O Direito de Nascer*, também um clássico da teledramaturgia, apesar dos preconceitos identificados pelo diretor em *A Negação do Brasil*.



“Ruth ficava no caixa do restaurante da Casa do Estudante do Brasil que foi fundada pela minha avó Anna Amélia Carneiro de Mendonça. Acho que foi através de minha avó e da CDE que a Ruth foi para os ‘States’ estudar arte dramática. É uma pessoa encantadora e uma atriz de primeira categoria.”

PATRÍCIA BUENO, atriz

“Minha admiração por Ruth de Souza é enorme. Não apenas por ela ser a primeira atriz negra a pisar no palco do Theatro Municipal, como protagonista, ou viver a primeira mocinha negra das telenovelas — e isso nos anos 40! Muito antes de todos os movimentos de empoderamento negro e feminino, Ruth já abria cominhos com o seu talento arrasador. E está aí o motivo maior da minha admiração por Ruth: o talento, a majestade em cena, a versatilidade e delicadeza na composição de suas inúmeras personagens. Nós, atrizes negras ou brancas, seguimos os passos de Ruth de Souza e continuamos no nosso caminho. E quem sabe, um dia, quando a gente crescer, paramos de pensar em atrizes negras e pensamos apenas em atrizes. Obrigada, Ruth! Viva! Viva! Viva!”

MARIA FLOR, atriz



“Ruth de Souza é uma referência das artes cênicas no Brasil. Independentemente de ter conquistado lugar de destaque no teatro e no cinema, como a nossa primeira atriz negra de expressão, Ruth é artista que se ombréia com as melhores do Brasil. Ela deixou sua marca em todos os papéis que interpretou.

Mais do que sua capacidade interpretativa, Ruth impõe dignidade ao seu trabalho.

Tive a alegria de conviver com ela quando, nos anos 1960, foi escolhida pelo diretor Amir Haddad para interpretar Carolina Maria de Jesus no teatro, na peça baseada em *Quarto de Despejo* escrita por Edy Lima. Para interpretar a catadora de lixo que escreveu o diário em que contava “as coisas da favela”, Ruth se preparou longa e apaixonadamente. Comigo, que como jornalista encontrara Carolina e o diário que ajudei a transformar em livro, ela fez questão de conhecer, de perto e “por dentro”, a favela do Canindé. Juntos, Carolina, Ruth e eu pisamos a lama da favela como se estivéssemos ensaiando para a peça. Depois, no palco, Ruth brilhou como a melhor intérprete de Carolina Maria de Jesus.”

AUDÁLIO DANTAS, jornalista



FLOR INCRÍVEL E PURA

ÉLVIA BEZERRA

Quatro anos depois do lançamento de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960, o crítico literário Otto Maria Carpeaux pensava sobre a qualidade literária dos *best-sellers* de fundo sociológico, entre os quais este, que inaugura a literatura produzida em favela. A trajetória dessa obra, de sucesso retumbante, contava com números invejáveis: seriam 80 mil exemplares vendidos no Brasil e edições em 17 idiomas.

“Como e até que ponto pode um romance servir de documento?”, pergunta Carpeaux no artigo intitulado “Romance e sociologia”, publicado no *Correio da Manhã* de 18 de julho de 1964. Naquele ano, afirma o crítico, o mundo parecia exigir não o “romance de alta categoria, mas o documento social, verídico”, o que em parte explicaria o sucesso do diário da autora nascida na cidade mineira de Sacramento e mais tarde moradora da favela do Canindé, em São Paulo, de onde saía diariamente para ganhar trocados como catadora de papel. Carpeaux avalia: “Como meros documentos apreciamos obras não-literárias como *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, ou *Uma aldeia anatólica*, do turco Mahmud Makal”. Ao final do artigo, o crítico reforça a tese, concluindo que a importância sociológica de um romance, como documento, depende do seu valor literário.

Cinquenta anos após a publicação do texto de Carpeaux, volta-se a falar

em *Quarto de despejo* e no fenômeno Carolina de Jesus, cujo centenário de nascimento, em 14 de março de 2014, foi celebrado no Instituto Moreira Salles (IMS), guardião de pequena parte do arquivo da escritora: dois cadernos manuscritos, cujo conteúdo está parcialmente publicado. Ao primeiro, a escritora deu o título *Um Brasil para os brasileiros: contos e poemas*. O outro é coletânea do mesmo gênero, sem título.

Carolina de Jesus foi descoberta pelo jornalista e escritor Audálio Dantas, que, em 1958, esteve na favela do Canindé como repórter da *Folha da Noite* para fazer uma matéria. Não demorou a chegar até a moradora da rua A, barraco 9, que escrevia um diário em pedaços de papéis coletados nas ruas da cidade. Audálio organizou as muitas páginas em que ela expunha o sofrimento cotidiano dos moradores, apresentou a autora à editora Francisco Alves e, dois anos depois, sob refletores, e na condição de escritora, Carolina de Jesus autografava seu livro diante de um grupo integrado por literatos da estatura de Clarice Lispector.

Os milhares de livros vendidos no primeiro mês após o lançamento mudaram a rotina de Carolina de Jesus. Não podia ser diferente. Jantares, hospedagem no Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, a convite da revista americana *Life*, viagem à Argentina e um novo livro, *Casa de Alvenaria*, de 1961, a que se seguiriam outros.

Por ocasião do lançamento de *Casa...*, Paulo Mendes Campos publicou na revista *Manchete* o artigo “Espécie de poema desentranhado do livro *Casa de alvenaria*, da ex-favelada Carolina Maria de Jesus”. Destaca aí alguns trechos do diário que, como se depreende pelo título, trata do outro tipo de moradia que a autora tinha conquistado. Não mais o barraco da favela do Canindé, mas uma casa com sala de visitas de verdade. Não mais o catre do barraco 9, que ela chamava “leito” para simples efeito literário, mas uma cama decente, com colchão novo.

“A realidade é muito mais bonita do que o sonho”, escrevera ela em *Casa de alvenaria*. Sim, a realidade podia ser mais bonita, mas lhe exigia o que o sonho preservava: competência para viver um degrau acima no seu status social. Carolina perdeu-se na nova condição de escritora. À inabilidade para li-

dar com o dinheiro que o primeiro livro lhe rendera somou-se o fracasso das publicações posteriores. Os refletores se apagaram sem aviso, assim como sem anúncio desapareceu o *glamour* da vida de escritora de sucesso. Em pouco tempo voltou à pobreza. Morreu em 13 de fevereiro de 1977, na casa de um dos filhos, longe da fama que conquistara por pouco tempo.

Dois dias depois de sua morte, o jornalista e escritor Otto Lara Resende rendia-lhe homenagem em artigo intitulado “Luzes no quarto de despejo”, publicado em *O Globo* de 15 de fevereiro de 1977. “Inteligentíssima”, escreve ele, Carolina de Jesus “tinha essa mistura de raiva e ternura que leva à vã tentativa de cuspir o que bloqueia a garganta e ameaça matar por asfixia, se não for dito”.

Além dessa mistura que, segundo Otto, levava Carolina a escrever, havia nela uma convicção literária anterior à escrita. Semianalfabeta, tinha uma convicção: queria ser escritora. E queria ser escritora publicada em inglês. Conseguiu – provam as várias edições de *Quarto de despejo*. Não só em inglês, mas em francês, alemão, holandês, italiano, tcheco, húngaro, polonês, russo e até japonês, entre outras línguas com as quais jamais deve ter sonhado. A força de seu ideal foi mais longe do que pôde supor, e hoje determina que a estante da biblioteca de apoio ao seu arquivo no IMS guarde, além da edição brasileira, naturalmente, 17 traduções de *Quarto de despejo* publicadas fora do Brasil.

Dentre as traduções, destaca-se a italiana, com prefácio do escritor e jornalista Alberto Moravia, que se refere ao livro como “flor incrível e pura”. Tratando Carolina por *questa donna geniale*, destaca-lhe a fé na cultura e reconhece que a autora de *Quarto de despejo* é tranquilamente convencida de que tem o mesmo direito à cultura que os ricos e privilegiados.

A questão da linguagem forçada não passou despercebida aos brasileiros, que se surpreenderam com o vocabulário estranho à formação escolar da autora, encerrada no segundo ano primário: “Abluí as crianças, aleitei-as e abluí-me e aleitei-me”, escrevera ela no seu livro de estreia. No seguinte, fiel ao gênero diário, revidava: “Alguns críticos dizem que sou pernóstica quando escrevo ‘os filhos abluíram-se’, será que preconceito existe até na literatura? O negro não tem direito de pronunciar o clássico?”

Não faltou quem duvidasse da autenticidade do texto. Manuel Bandeira, citado por Eliana Castro e Marília de Mata Machado em *Muito bem, Carolina*, saiu em defesa da autoria do diário:

Muita gente tem me perguntado se acredito na autenticidade do livro. Querem atribuí-lo a trabalho de Audálio Dantas sobre notas, apontamentos de Carolina. Houve de fato algum trabalho de composição da parte de Audálio. Este declarou no prefácio que selecionou trechos dos cadernos de Carolina, suprimiu frases. Não enxertou nada. Acredito. Há nestas páginas certos erros, certas impropriedades de expressão, certos pedantismos de meia instrução primária, que são de flagrante autenticidade, impossíveis de inventar.

Não só Bandeira se deteve nas “impropriedades de expressão” de Carolina. A professora Marisa Lajolo, que contribuiu com um texto para a *Antologia pessoal de Carolina de Jesus*, analisa mais detalhadamente o emprego de “lantejoulas do quilate de infausto, cilícios, ósculo, etc.”. A edição, póstuma, foi organizada por José Carlos Sebe Bom Meihy, que contou com textos de acadêmicos, seus pares, e colaboração do poeta Armando Freitas Filho, responsável pela fixação do texto. O livro foi publicado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1996, onde Carolina Maria de Jesus talvez não tenha sonhado em chegar.

O sucesso de *Quarto de despejo* não se restringiu às edições impressas. Com direção de Amir Haddad e cenário de Cyro Del Nero, coube a Ruth de Souza o papel de Carolina na adaptação, para teatro, que a escritora gaúcha Edy Lima fez do livro em 1961, portanto, logo no ano seguinte ao lançamento.

A noite de estreia da peça, em 27 de abril, foi descrita por Carolina em *Casa de alvenaria*:

O Teatro Bela Vista estava superlotado. Pessoas de destaque, porque o espetáculo é beneficente. Os paulistanos bem vestidos circulavam pelo teatro. [...] Quando iniciou o espetáculo eu subi no palco para sortear uns prêmios.

Fui aplaudida. O espetáculo agradou. A cena mais comovente foi a briga com o cigano e o porco que saiu do chiqueiro e ficou circulando pelo palco. Ouvi uma voz humorística: – Este porco é ator.

A montagem não agradou tanto ao crítico paulista Decio de Almeida Prado que, na sua coluna de *O Estado de S. Paulo* de 4 de maio de 1961, sentiu falta “de um tratamento mais demorado e mais aprofundado da matéria”. Achou ele que o espetáculo inclinou-se mais para a comédia que para o drama, ressaltando as brigas e bate-bocas da favela. Faltou – ainda segundo ele – transformar de fato o documento que é *Quarto de despejo* em arte teatral. De qualquer maneira, Ruth de Souza, “a atriz sensível de sempre”, reconhece o crítico, trouxe força ao drama.

A força da interpretação de Ruth de Souza deveu-se, sem dúvida, ao talento que Deus lhe deu, mas também à consciência profissional que a levou, com Carolina e Audálio Dantas, à favela do Canindé. Ali a atriz pôde se familiarizar com o ambiente em que a autora viveu durante trinta anos. Experiência essencial para compor a personagem que interpretaria com a sua proverbial sabedoria.

Além de ter obra transposta para o teatro, Carolina protagonizou sua própria história no documentário de 16 minutos e 40 segundos *Favela - Das Leben in Armut*, que recebeu a tradução de *Favela: a vida na pobreza*, dirigido pela alemã Christa Gottman-Elter, em 1971. Foi filmado na favela do Vergueiro, que, assim como a favela do Canindé, não existe mais. Localizado pelo Instituto Moreira Salles numa província alemã, o rolo de 16mm foi convertido para dvd, legendado e exibido pela primeira vez, também no IMS, por ocasião do centenário de Carolina.

Curiosamente, o filme não tinha sido visto nem mesmo pelos que nele trabalharam, como Otto Engel, roteirista e produtor, e Ricardo Stein, o fotógrafo. O depoimento de ambos pode ser visto em <http://www.blogdoims.com.br/ims/carolina-maria-de-jesus-e-a-favela>

Favela: a vida na pobreza é vastamente mencionado na cronologia de Carolina de Jesus com o título livre de *O despertar de um sonho* sem que, como já se disse,

fosse conhecido no Brasil. Pelo fato de expor a extrema miséria no Canindé, teria desagradado o então embaixador do Brasil em Bonn, que vetou sua exibição no país de Carolina. Com a conversão para dvd, encomendada pelo IMS, e a identificação da equipe que o fez, revelou-se a misteriosa história desse documento de importância para a história de Carolina de Jesus.

ARTUR DA TÁVOLA

Ruth de Souza, genial

SEMANA passada, com tantas estréias nos canais, Globo principalmente, com o longa-metragem brasileiro "Oito de Oliveira", com as tristes actrizes relativas a Clara Nunes, com estréias de Chico Anysio e Jô Soares, passos despercebidos um dos melhores momentos da nossa televisão. Como são ora estréias são foi badalado: o "Caso verdade" "Quarto de despejo" relatando o drama da vida de Carolina de Jesus, narrado por Audálio Dantas, o jornalista que a descobriu numa favela, vivendo difícil e escrevendo um diário, posteriormente transformado em obra mundialmente famosa. A Carolina de Jesus da atual versão televisiva ganhou uma interpretação absolutamente genial de Ruth de Souza e isso não pode passar em branco. Ruth de Souza conseguiu traduzir a solidão, a tristeza e a certeza do abandono daquela mulher. A atriz foi encontrar,

ainda, uma forma de olhar desconfiada e temerosa, tão comum entre pessoas machucadas pela vida. Um dia, estudando a televisão brasileira, alguém encontrará a edição deste "Caso verdade". Ali está muito da ambigüidade popular brasileira e da sociologia urbana onde as favelas são o testemunho da grande injustiça social na qual são baseadas as relações de produção neste país.

A versão da história de Carolina de Jesus, passada na televisão num horário sem repercussão intelectual, é um dos melhores momentos da dramaturgia popular inaugurada com a televisão no Brasil, apesar de todas as barreiras ideológicas ou políticas. O "Caso verdade" em questão foi dirigido por Alípio Ribeiro que, na televisão TV Tupi, foi o responsável por grandes momentos nas telenovelas, as mesmas que formoceram autores, stories e diretores que hoje são os principais da Rede Globo. Um imortal e pungente desempenho de Ruth de Souza que merece mais honras e mais repercussão que este destaque que ora lhe dou.



“Eu tenho uma ligação ancestral com D. Ruth desde a primeira vez que a vi e o engraçado é que não foi através de vídeo, eu vi uma foto. Ali percebi uma nobreza e já compreendi a qualidade da atriz que ela é. Fiquei inclusive com saudade de um tempo que não vivi, o tempo em que ela estava no teatro e que eu gostaria de tê-la visto no palco. Depois tive o prazer de vê-la atuando nas novelas ainda em Salvador e ficava muito feliz em perceber uma atriz de tamanha qualidade. Mais pra frente conheci D. Ruth pessoalmente e aí passei a considera-la minha mãe, trata-la com todo carinho do mundo e respeito porque tudo que ela contribui para a história das artes nesse país, tudo que ela contribui para a imagem do artista negro é de um valor sem tamanho, não é possível dimensionar de tão grande que é. Isso tudo se coroou na oportunidade de trabalhar com ela fazendo o filme *O Vendedor de Passados* quando pude olhar de pertinho nos olhos dessa atriz tão intensa e que me emociona muito a cada vez que conheço mais e mais sua história.”

LÁZARO RAMOS, ator









CRONOLOGIA

1921 Rio de Janeiro, 12 de março: nasce Ruth Pinto de Souza. Filha dos lavradores Sebastião Joaquim Souza e Alaíde Pinto de Souza. A família se muda para uma fazenda na cidade de Laranjais, em Minas Gerais.

1930 Com a morte do pai Sebastião, Ruth volta a morar no Rio, em Copacabana com a mãe.

1945 Ruth passa a integrar o Teatro Experimental Negro (TEN), criado por Abdias do Nascimento. Também participa do grupo teatral Os Comediantes. Em oito de maio, estreia a peça *O Imperador Jones*, de Eugene O'Neill, no Teatro Municipal.



1946 Participa das peças *Todos os filhos de Deus têm asas*, no Teatro Fênix, com direção de Aguinaldo Camargo e *O moleque sonhador*, ambas escritas por Eugene O'Neill, com direção de Willy Keller, no Festival do 2º Aniversário do Teatro Experimental do Negro.

1947 Ganha prêmio de revelação ao atuar como Aila, em *O filho pródigo*, de Lúcio Cardoso, primeiro texto brasileiro escrito especialmente para o TEN, no Teatro Ginástico. No mesmo ano, atua em *Terra do sem fim*, de Jorge Amado, com a Companhia Os Comediantes, com direção de Zigmunt Turkov. O espetáculo com trilha sonora de Dorival Caymmi teve no elenco Cacilda Becker, Jardel Filho, Maria Della Costa e Ziembinski. No mesmo ano, declama os poemas *Vozes d'África*, no Teatro Fênix, no Recital Castro Alves, com direção Abdias do Nascimento.



1948 Atua no filme *Falta alguém no manicômio*, de José Carlos Burle, produzido pela Atlântida, ao lado de Oscarito. Atua também nas peças *A família e a festa na roça*, de Martins Pena, no Teatro Ginástico, ao lado de Abdias do Nascimento, Bibi Ferreira, Jardel Filho, Procópio Ferreira e Sérgio Cardoso. Igualmente no Teatro Ginástico atua em *Aruanda*, com direção de Abdias do Nascimento.

1949 Atua no filme *Também somos irmãs* de José Carlos Burle e participa das peças teatrais *Filhos de Santo*, de Abdias do Nascimento; *Calígula*, de Eros Martim com produção do Teatro Experimental do Negro e *O balão que caiu no mar*, de Odilo Costa Filho



1950 Participa do filme *A sombra da outra*, de Watson Macedo, produzido pela Atlântida. Vai para Cleveland, nos Estados Unidos, estudar cinema com bolsa da Fundação Rockefeller. Entre muitas atividades, é escolhida para protagonizar Barbara Ellen no espetáculo *Dark of the moon*, de H. Richardson e W. Burney. Participa das peças *Street scene* de Kurt Weill e Elmer Rice e *Shadow of a gunman* de W. Berney e H. Richardson.

1951 De volta ao Brasil, atua no filme *Ângela*, da Vera Cruz, com direção de Abílio Pereira de Almeida e Tom Payne.

1952 Participa do filme *Terra é sempre terra*, da Vera Cruz, dirigido por Tom Payne com roteiro de Abílio Pereira de Almeida e trilha sonora de Guerra Peixe. No teatro, faz *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues.



1953 Atua em *Sinhá Moça*, dos Estúdios Vera Cruz e com direção de Tom Payne. Por sua personagem Sabina é indicada como melhor atriz do Festival de Cinema de Veneza.



1954 Participa no filme *Candinho*, de Abílio Pereira de Almeida. Último filme de *Mazzaropi* na Vera Cruz.

1956 Atua no filme *Quem matou Anabela?*, dos Estúdios Maristela, dirigido por Dezső Ákos Hamza, ao lado de Procópio Ferreira, Carlos Zara, Nydia Lícia, Ary Fernandes, Olga Navarro, Jayme Costa.

1957 Atua na comédia *Oso, amor e papagaios*, de Carlos Alberto de Souza Barros, roteiro de Abílio Pereira de Almeida. Integra o elenco de *Ravina*, de Rubem Biáfora.

1958 Integra o elenco do primeiro filme colorido de Walter Hugo Khouri, diretor e roteirista de *Fronteiras do inferno*. E na montagem paulista de *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, no Teatro Bela Vista, com direção de Sérgio Cardoso.

1959 Recebe vários prêmios pelo trabalho como protagonista na companhia Nydia Licia-Sergio Cardoso, a peça *Oração para uma negra*, escrita por William Faulkner e adaptada para o teatro por Albert Camus.

1960/61 São os anos em que atua nos filmes: *O mistério da ilha de Vênus*, de Douglas Fowley, *A morte comanda o cangaço*, êxito de bilheteria de Carlos Coimbra, *Bruma seca*, de Mário Civelli. Estreia na peça *Quarto de despejo*, adaptação de Edy Lima para o livro de Carolina de Jesus, com direção de Amir Haddad.

1962 É o ano de *Favela*, de Arnaldo Bo; *O cabeleira*, de Hélio Souto; e *O Assalto ao trem pagador*, direção de Roberto Faria.



1963 Faz *Gimba, presidente dos valentes*, primeiro grande sucesso de direção de Flávio Rangel.

1964 Com Aracy Balabanian, Raul Cortez e Stênio Garcia participa da peça *Vereda da salvação*, de Jorge Andrade, com direção de Antunes Filho, no Teatro Brasileiro de Comédia.

1965 Estreia na TV Excelsior com a novela *A deusa vencida* de Ivani Ribeiro. Pela terceira vez, atua na montagem da peça *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, agora no Teatro Brasileiro de Comédia.

1966 Atua, ao lado de Íris Bruzzi, num episódio do longa-metragem *As cariocas*, dirigido pelo cineasta Roberto Santos.

1967 Participa da peça *O milagre de Anne Sullivan*, de Willian Gibson, com direção de Osmar Rodrigues Cruz, no Teatro Popular Sesi, em São Paulo.

1968 Integra o elenco da primeira versão para o cinema do livro *O homem nu*, de Fernando Sabino, dirigido por Roberto Santos. É o mesmo ano em que estreia sua primeira telenovela da Rede Globo, *Passo dos ventos*, escrita por Janete Clair.

1969 Interpreta Cloé na novela *A cabana do pai Tomás*, baseada no romance de Harriet Stowe, adaptado por Hedy Maia, com direção de Walter Campos.

1970 Integra o elenco de *Verão vermelho*, escrita por Dias Gomes e dirigida por Walter Campos na TV Globo. Neste mesmo ano, participa também de *Pigmalião 70*, novela escrita por Vicente Sesso e dirigida por Régis Cardoso.



1972 Atua em mais duas novelas na Rede Globo: *Bicho do mato*, escrita por Chico de Assis e Renato Corrêa e Castro e *O homem que deve morrer*, de Janete Clair.

1973 Participa das novelas *O bem amado*, de Dias Gomes e *Os ossos do Barão*, de Jorge Andrade, ambas dirigidas por Régis Cardoso.



1974 No cinema, participa dos filmes *Pureza proibida*, de Alfredo Sternheim e *Um homem célebre* de Miguel Faria Jr., baseado na obra de Machado de Assis. Na TV, faz um episódio de *A grande família* e *Natal em Sucupira*.

1975 Atua no longa-metragem *Ana, a libertina*, dirigido por Alberto Salva. Na TV, participa das novelas *O grito*, de Jorge Andrade, *O rebu*, de Bráulio Pedroso e *Helena* de Gilberto Braga, além do Caso Especial *Tudo cheio de formiga*.

1976 Integra a novela *Duas vidas*, de Janete Clair.

1977 Atua no longa-metragem *Quem matou Pacífico?* de Renato Santos Pereira e em *Ladrões de cinema*, de Fernando Coni Campos.

1978/79 Interpreta a personagem Justa na novela *Sinhazinha Flô* e participa da novela *Sinal de alerta*, de Dias Gomes.

1980 Pelos Estúdios Magnus Filmes atua no filme *O fruto do amor*, com direção de Milton Alencar Júnior. Na TV participa da novela *Olhai os lírios do campo*, dirigida por Geraldo Vietri e baseada no romance de Érico Veríssimo.

1982 Interpreta Jerusa na novela *Sétimo sentido*, de Janete Clair.

1983 Sob a direção de Luiz Carlos Maciel Leme, protagoniza, mais uma vez, *Réquiem para uma negra*, de William Faulkner. Entre os vários episódios que participou na série *Caso Verdade* interpreta com grande sucesso Carolina Maria de Jesus, que considera seu melhor papel na TV.

1984 Atua na novela *Corpo a corpo*, de Gilberto Braga.



1986 Integra o elenco de *Cambalacho*, novela de Sílvio de Abreu, e de *Sinhá Moça*, de Benedito Ruy Barbosa.

1987 No cinema atua em *Jubiabá*, de Nelson Pereira dos Santos. Participa também *A new spring* de Carlos Porto.

1988/89 Na TV, faz as novelas *Fera radical*, de Walter Negão; *Mandala*, de Dias Gomes e *Pacto de sangue*, de Regina Braga.

1990 Participa da reedição da peça *Orfeu da Conceição*, escrita por Vinícius de Moraes, com direção de Haroldo Costa. Atua na novela *Rainha da sucata*, de Sílvio de Abreu.

1991 Atua no longa-metragem *A grande arte*, dirigido por Walter Salles e com roteiro baseado na obra de Rubem Fonseca.

1992 Integra o elenco da novela da Rede Globo *De corpo e alma*, de Glória Perez.

1993 Atua na peça teatral *Zumbi*, de Gianfrancesco Guarnieri, Edu Lobo e Augusto Boal, no Teatro de Arena.

1994 Participa do filme *Boca de Ouro*, de Walter Avancini, segunda adaptação para o cinema da peça de Nelson Rodrigues.

1995 No teatro faz *Anjo Negro*, de Nelson Rodrigues. Na TV, integra o elenco da novela *Cara ou coroa*, de Antonio Calmon.

1996 Atua na novela *Quem é você?*, de Ivani Ribeiro.



1999 Faz participação no filme *Um copo de cólera*, de Aluizio Abranches, baseado na obra de Raduan Nassar.

2000 Integra o elenco do longa-metragem *O Aleijadinho: paixão, glória e suplício*, de Geraldo Santos Pereira.

2001 Participa da novela *O clone* de Glória Perez.

2004 Ao lado de Léa Garcia, ganha o prêmio de melhor atriz no 32º Festival de Gramado pela atuação no filme *As filhas do vento*, de Joel Zito Viana. Atua na novela *Senhora do destino*, de Aguinaldo Silva.



2006 Atua no filme *Primavera*, de Carlos Porto, no qual interpreta três personagens.

2013 É homenageada pela Academia Brasileira de Cinema na ocasião da entrega do Grande Prêmio.

2014 É entrevistada no programa *Damas da TV* no Canal Viva.

2015 É lançado o livro *Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth de Souza*, de Júlio Claudio da Silva.

2016 É homenageada na mostra *Pérola Negra: Ruth de Souza* no CCBB em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.



FILMOGRAFIA

FALTA ALGUÉM NO MANICÔMIO · 1948 · Direção José Carlos Burle · Elenco Oscarito, Modesto de Souza, Vera Nunes, Sérgio de Oliveira, Ruth de Souza

TERRA VIOLENTA · 1949 · Direção Edmond Francis Bernoudy · Elenco Anselmo Duarte, Heloísa Helena, Maria Fernanda, Ruth de Souza

TAMBÉM SOMOS IRMÃOS · 1949 · Direção J.C. Burle · Elenco Vera Nunes, Grande Otelo, Aguinaldo Camargo, Ruth De Souza

A SOMBRA DA OUTRA · 1950 · Direção Watson Macedo. · Elenco Eliana, Anselmo Duarte, Cecy Medina, Fregolente, Carlos Cotrim, Ruth de Souza

ÂNGELA · 1951 · Direção Tom Payne e Abílio Pereira de Almeida · Elenco Eliane Lage, Alberto Ruschel, Inezita Barroso, Mário Sérgio, Ruth de Souza

TERRA É SEMPRE TERRA · 1951 · Direção Tom Payne · Elenco Marisa Prado, Abílio Pereira de Almeida (Tonico), Mário Sérgio, Ruth de Souza · Ano de exibição: 1951

SINHÁ MOÇA · 1953 · Direção Tom Payne · Elenco Eliane Lage, Anselmo Duarte, Ruth de Souza, Abílio Pereira de Almeida, Renato Consorte, Eugênio Kusnet

CANDINHO · 1954 · Direção Abílio Pereira de Almeida · Elenco Mazzaropi, Marisa Prado, Ruth de Souza, Adoniran Barbosa

QUEM MATOU ANABELA? · 1956 · Direção D.A. · Elenco Procópio Ferreira, Carlos Zara, Ruth de Souza, Jayme Costa, Nydia Lícia

OSSO, AMOR E PAPAGAIOS · 1957 · Direção Carlos Alberto de Souza Barros e César Mello · Elenco Jaime Costa, Modesto de Souza, Wilson Grey, Ruth de Souza, Renato Consorte

RAVINA · 1958 · Direção Rubem Biáfora · Elenco Milton Amaral, Sandra Amaral, Hélio Ansaldo, Eliane Lage, Ruth de Souza, Sérgio Hingst

FRONTEIRAS DO INFERNO · 1959 · Direção Walter Hugo Khouri · Elenco Hélio Souto, Luigi Picchi, Aurora Duarte, Ruth de Souza, Lola

O MISTÉRIO DA ILHA DE VÊNUS (MACUMBA LOVE) · 1960 · Direção Douglas Fowley · Elenco Cléa Simões, June Wilkinson, Pedro Paulo Hatheyer, Ruth de Souza

FAVELA · 1961 · Direção Armando Bo · Elenco Isabel Sarli, Jece Valadão, Ruth de Souza, Moacyr Deriquém

BRUMA SECA · 1961 · Direção Mário Civelli e Mario Brasini · Elenco Luigi Picchi, Ruth de Souza, Mario Brasini, Adoniran Barbosa

A MORTE COMANDA O CANGAÇO · 1960 · Direção Carlos Coimbra e Walter Guimarães Motta · Elenco Alberto Ruschel, Ruth de Souza, Aurora Duarte, Edson França

O ASSALTO AO TREM PAGADOR · 1962 · Direção Roberto Farias · Elenco Reginaldo Faria, Grande Otelo, Eliezer Gomes, Jorge Dória, Ruth de Souza

O CABELEIRA · 1963 · Direção Hélio Souto · Elenco Hélio Souto, Milton Ribeiro, Marlene França, Ruth De Souza.

GIMBA, PRESIDENTE DOS VALENTES · 1963 · Direção Flavio Rangel · Elenco Paulo Copacabana, Jorge Coutinho, Ruth de Souza, Gracinda Freire

O HOMEM NU · 1967 · Direção Roberto Santos · Elenco Paulo José, Milton Gonçalves, Leila Diniz, Irma Alvarez, Ruth de Souza

FAVELA, A VIDA NA POBREZA OU FAVELA, DAS LEBEN IN ARMUT · 1971 · Direção Christ Gottmann-Elter · Com Carolina Maria de Jesus

PUREZA PROIBIDA · 1974 · Direção Alfredo Sternheim · Elenco Rossana Ghesa, Zózimo Bulbul, Carlo Mossy, Ruth de Souza, Monah Delacy

ANA, A LIBERTINA · 1975 · Direção Alberto Salvá · Elenco Marília Pêra, Daniel Filho, Edson França, José Wilker, Stênio Garcia, Ruth de Souza

QUEM MATOU PACÍFICO · 1977 · Direção Renato Santos Pereira · Elenco Jece Valadão, Kátia D'Ángelo, Jofre Soares, Ruth de Souza, Roberto Bonfim

LADRÕES DE CINEMA · 1977 · Direção Fernando Coni Campos · Elenco Wilson Grey, Grande Otelo, Milton Gonçalves, Antonio Pitanga, Ruth de Souza

O FRUTO DO AMOR · 1980 · Direção Milton Alencar · Elenco Paulo Cesar Pereiro, Ruth De Souza, Claudioney Penedo, Rodolfo Arena

CASO VERDADE: QUARTO DE DESPEJO · 1983 · Apresentação Zé Capeta · Com Ruth de Souza

JUBIABÁ · 1987 · Direção Nelson Pereira dos Santos · Elenco Grande Otelo, Catherine Rouvel, Betty Faria, Ruth de Souza, Françoise Goussard

A NEW SPRING · 1993 · (Inacabado) · Direção Carlos Porto · Elenco Leonard Whiting, Ruth de Souza

BOCA · 1994 · Direção Walter Avancini e Zalman King · Elenco RaeDawn Chong, Martin Kemp, Tarcísio Meira, Martin Sheen, Carlos Eduardo Dolabella, José Lewgoy, Denise Milfont, Patrick de Oliveira, Nelson Xavier, Ruth de Souza

UM COPO DE CÓLERA · 1999 · Direção Aluísio Abranches · Elenco Alexandre Borges, Júlia Lemmertz, Marieta Severo, Ruth de Souza

A NEGAÇÃO DO BRASIL · 2009 · Direção Joel Zito Araújo · Partícipes Milton Gonçalves, Ruth de Souza, Léa Garcia, Zezé Motta, Maria Ceíça

O ALEIJADINHO: PAIXÃO, GLÓRIA E SUPLÍCIO · 2003 · Direção Geraldo Santos Pereira · Elenco Maurício Gonçalves, Maria Ceíça, Ruth de Souza, Carlos Vereza, Edwin Luisi

FILHAS DO VENTO · 2005 · Direção Joel Zito Araújo · Elenco Taís Araújo, Léa Garcia, Ruth de Souza, Milton Gonçalves, Thalma de Freitas

PRIMAVERA · 2006 · Direção Carlos Porto (de Andrade Jr.) · Elenco Ana Paula Arósio, Ruth de Souza, Marília Gabriela, Ruth Escobar, Werner Schunemann

ABDIAS, UM BRASILEIRO DO MUNDO · 2011 · Direção Aída Marques · Partícipes Abdias do Nascimento, Ruth de Souza, Léa Garcia, Zózimo Bulbul, Hilton Cobra, Haroldo Costa, MV Bill

O VENDEDOR DE PASSADOS · 2015 · Direção Lula Buarque de Hollanda · Elenco Lázaro Ramos, Alinne Moraes, Odilon Wagner, Mayana Veiga, Anderson Muller, Ruth de Souza



FILMES E PROGRAMAS DE TELEVISÃO NA MOSTRA

Filmes

Falta Alguém no Manicômio 1948

Direção José Carlos Burle · **Elenco** Oscarito, Modesto de Souza, Vera Nunes, Sérgio de Oliveira, Ruth de Souza · **90min.**

Comédia Romântica. André e Maria Luisa apaixonam-se numa viagem de navio para o Rio de Janeiro. André oferece sua casa para hospedá-la, porém a moçoila polidamente recusa. Na casa de André há vários parentes um tanto quanto... Psicóticos. Sem um lugar para ficar, Maria Luisa arrepende-se e lança mão do contato do rapaz, aceitando enfim o convite dele. As confusões são inúmeras, com André e Maria Luisa quase sendo internados, porém o amor dos dois a tudo supera. Até a loucura.

Também Somos Irmãos 1949

Direção J.C. Burle · **Elenco** Vera Nunes, Grande Otelo, Aguinaldo Camargo, Ruth de Souza · **85min.**

Drama. Viúvo sem filhos decide adotar quatro crianças: duas brancas e duas negras. O tempo acaba criando conflitos inevitáveis para estes irmãos involuntários. Problemas racistas, inclusive, o que pode conduzir tudo a uma grande tragédia.

Ângela 1951

Direção Tom Payne e Abílio Pereira de Almeida Premiado · **Elenco** Eliane Lage, Alberto Ruschel, Inezita Barroso, Mário Sérgio, Ruth de Souza · **90min.**

Premiado drama romântico baseado no conto *Sorte no Jogo*, de E.T.A. Hoffmann (o alemão Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann). Jogador inveterado arrebanha uma propriedade no carteadado e acaba apaixonando-se pela filha do antigo proprietário (a Ângela do título). O problema é abandonar sua outra paixão: o jogo.

Terra é Sempre Terra 1951

Direção Tom Payne · **Elenco** Marisa Prado, Abílio Pereira de Almeida (Tonico), Mário Sérgio, Ruth de Souza · 95min.

Drama baseado na peça *Paio Velho*, de Abílio Pereira de Almeida (também autor do roteiro). Conta a história de Tonico, um capataz a desprezar sua esposa mais jovem. Durante um jogo de cartas Tonico terá a oportunidade de ganhar a própria fazenda em que trabalha.

Sinhá Moça 1953

Direção Tom Payne · **Elenco** Eliane Lage, Anselmo Duarte, Ruth de Souza, Abílio Pereira de Almeida, Renato Consorte, Eugênio Kusnet · 20min.

Drama escravista baseado no romance homônimo de Maria Dezonne Pacheco Fernandes. Virou telenovela duas vezes (1986 e 2006). De um tempo em que a Cia de cinema Vera Cruz, em nada ficava a dever para as grandes produtoras mundiais. A abolicionista conhecida como Sinhá Moça regressa às terras de seu pai, o poderoso Coronel Ferreira, depois de completar seus estudos na capital (São Paulo). Ela conhece Rodolfo Fontes e à beira de enamorar-se, tem uma grande decepção: seu amor simpatiza com ideais escravocratas. Contudo o ano é 1888. A escravidão está findando...

Candinho 1954

Direção Abílio Pereira de Almeida · **Elenco** Mazzaropi, Marisa Prado, Ruth de Souza, Adoniran Barbosa · 95min.

Comédia estrelada pelo célebre 'Jeca', Amácio Mazzaroppi. Baseada no conto *Cândido*, ou *O Otimismo*, de Voltaire. Em 1926, um bebê achado nas águas sujas de um riacho é adotado por um rico coronel, até então sem filhos. O problema é que, ao ser pai de gêmeos, o milionário relega Candinho à importância de simples empregado. Vinte anos depois, já adulto, o rapaz tem um flerte com a filha do coronel e é expulso. Em suas andanças ele revê amigos, conhece outros e quem sabe viverá o grande amor?

Quem Matou Anabela? 1956

Direção D.A. Hamza · **Elenco** Procópio Ferreira, Carlos Zara, Ruth de Souza, Jayme Costa, Nydia Lícia · 95min.

Suspense policial com pitadas sutis de humor e final surpreendente. Uma bela bailarina, amada por homens e odiada pelas mulheres, é assassinada. Um comissário fica encarregado do caso e começa a entrevistar as pessoas ligadas à vítima. O problema é que de acordo com cada depoimento, Anabela parece se modificar e o mistério se adensa. Afinal, quem matou Anabela?

Oso, Amor e Papagaios 1957

Direção Carlos Alberto de Souza Barros e César Memolo · **Elenco** Jaime Costa, Modesto de Souza, Wilson Grey, Ruth de Souza, Renato Consorte · 102min.

Comédia adaptada do conto *A nova Califórnia* de Lima Barreto. Prefeito corrupto de uma pequena cidade decide dar uma festa comemorando o fato de que há dez anos não morre ninguém por

lá. O problema é que começa a morrer gente. E de causas naturais. O tumulto aumenta com a chegada do forasteiro misterioso Raimundo Flamel.

O Mistério da Ilha de Vênus (Macumba Love) 1960

Coprodução Brasil-EUA (“Macumba Love” é o título original) · **Direção** Douglas Fowley · **Elenco** Cléa Simões, June Wilkinson, Pedro Paulo Hatheyer, Ruth de Souza · 86min.

Terror. Coprodução Brasil-EUA (*Macumba Love* é o título original). O filme começa com uma espécie de apelo por escrito que diz: “A direção pede que os telespectadores façam 15 segundos de silêncio em respeito àqueles que morreram depois de assistir a este filme”. Um especialista em investigar falsos feiticeiros vem ao Brasil tratar com certo culto vodú. Surpresas e mortes o aguardam.

Favela 1961

Direção Armando Bo · **Elenco** Isabel Sarli, Jece Valadão, Ruth de Souza, Moacyr Deriquém · 90min. **Drama e música.** Belíssima moradora da favela desce o morro (no tempo em que as favelas eram só localizadas no alto de morros) e vai tentar a vida artística no asfalto. Uma coprodução Brasil-Argentina.

Bruma Seca 1961

Direção Mário Civelli e Mario Brasini · **Elenco** Luigi Picchi, Ruth de Souza, Mario Brasini, Adoniran Barbosa · 87min.

Aventura. A bruma seca do título é isso mesmo. Uma pequena aldeia na região centro-oeste brasileira sofre de uma névoa de poeira devido à falta de chuvas, o que atrapalha o desempenho de pequenas aeronaves. Um casal de turistas tem bastante interesse de chegar até uma mina de cristal, mas um grupo de garimpeiros se opõe.

A Morte Comanda o Cangaço 1960

Direção Carlos Coimbra e Walter Guimarães Motta · **Elenco** Alberto Ruschel, Ruth de Souza, Aurora Duarte, Edson França · 108min.

Western da Caatinga. Nos sertões cearenses, pacato fazendeiro vive com a mãe quando vê suas terras sendo invadidas por um bando de cangaceiros. Negando-se a dar dinheiro aos criminosos, a mãe do rapaz é covardemente assassinada, tendo sua cabeça fincada no alto de um toco. Arrasado, o jovem finge-se de morto para em seguida buscar a devida vingança.

O Assalto ao Trem Pagador 1962

Direção Roberto Farias · **Elenco** Reginaldo Faria, Grande Otelo, Eliezer Gomes, Jorge Dória, Ruth de Souza · 102min.

Premiadíssimo drama policial baseado em um caso real. O bando de Tião Medonho se organiza para praticar o assalto em questão sob as ordens de um tal de Grilo. Apesar de o esquema funcionar a contento, com o tempo a coisa toda dá errado e os menos favorecidos são os primeiros a se dar mal.

Favela – A vida na pobreza ou Favela, Das Leben in Armut 1971

Direção ChristaGottmann-Elter · **Partícipe** Carolina Maria de Jesus · 19min.

Documentário alemão praticamente inédito no Brasil, descoberto pelo Instituto Moreira Salles, no interior da Alemanha. Carolina Maria de Jesus é convidada a encenar o que havia descrito em seu livro *Quarto de Despejo*. Somos assim conduzidos ao universo da escritora que catava papel, revirava as latas de lixo e fazia o que podia para enfrentar a pobreza e alimentar os filhos.

Pureza Proibida 1974

Direção Alfredo Sternheim · **Elenco** Rossana Ghesa, Zózimo Bulbul, Carlo Mossy, Ruth de Souza, Monah Delacy · 104min.

A bela Rossana Ghesa protagoniza este drama baseado na peça *A Branca e o Negro*, de Monah Delacy, sobre uma noviça apaixonada por um afrodescendente praticante de cultos religiosos africanos.

Ana, a Libertina 1975

Direção Alberto Salvá · **Elenco** Marília Pêra, Daniel Filho, Edson França, José Wilker, Stênio Garcia, Ruth de Souza · 89min.

Drama policial. Jovem assassinada tem o crime investigado por um ex-caso amoroso seu. Aparentemente o marido é culpado, porém uma confissão determinará uma drástica mudança de rumo nas investigações.

Ladrões de Cinema 1977

Direção Fernando Coni Campos · **Elenco** Wilson Grey, Grande Otelo, Milton Gonçalves, Antonio Pittanga, Ruth de Souza · 127min.

“Dramédia” e mais uma daquelas “declarações de amor ao cinema”. Durante o carnaval carioca, equipe cinematográfica tem seu equipamento roubado. Na favela, os ladrões resolvem filmar eles mesmos algo sobre a Inconfidência Mineira, enquanto somente um membro do bando quer vender o equipamento e dividir o dinheiro.

Jubiabá 1987

Co-produção França-Brasil · **Direção** Nelson Pereira dos Santos · **Elenco** Grande Otelo, Catherine Rouvel, Betty Faria, Ruth de Souza, Françoise Goussard · 107min.

Drama romântico baseado em romance homônimo de Jorge Amado. Coprodução França-Brasil. Criado por um homem muito rico, garoto de origem muito pobre apaixona-se pela filha do rico. Vigiado pela empregada preconceituosa, o romance dos jovens é revelado. Espancado e expulso de casa, o garoto vira um verdadeiro malandro das ruas, porém seu amor jamais será esquecido.

A negação do Brasil 2000

Direção Joel Zito Araújo · **Partícipes** Milton Gonçalves, Ruth de Souza, Léa Garcia, Zezé Motta, Maria Ceixa · 95min.

Documentário baseado no livro *A Negação do Brasil – o negro na telenovela brasileira*, de Joel Zito Araújo, trazendo à cena a luta dos atores negros brasileiros em busca de um lugar ao sol. Emocionantes depoimentos de grandes astros de nosso cinema.

Filhas do Vento 2005

Direção Joel Zito Araújo · **Elenco** Taís Araújo, Léa Garcia, Ruth de Souza, Milton Gonçalves, Thalma de Freitas · 85min.

Drama beirando o **lirismo**. O racismo atinge diretamente uma família numerosa de mulheres. Velhos fantasmas vêm à tona, aumentando ainda mais a atmosfera sutil e dramática.

Abdias, um brasileiro do mundo 2011

Direção Aída Marques · **Participes** Abdias do Nascimento, Ruth de Souza, Léa Garcia, Zózimo Bulbul, Hilton Cobra, Haroldo Costa, MV Bill · 95min

Documentário. Nomes fundamentais da cultura brasileira passeiam, em debates, conversas e cenas, pela trajetória multifacetada de Abdias do Nascimento, o homem que, aos 97 anos, morreu como um dos maiores nomes da causa negra no Brasil. Sua trajetória fez dele um fundador, um revolucionário, um monumento à luta política e, sobretudo, um artista.

Programas de televisão

Caso Verdade: Quarto de despejo 1983

Apresentação Zé Capeta · **Com** Ruth de Souza · 100min.

Drama. Compilação de episódios da série de TV *Caso Verdade*, baseado no livro *Quarto de Despejo*, grande sucesso de Carolina Maria de Jesus e já levado ao cinema em 1971, na forma de documentário (*V. Favela, A vida na pobreza*). A história da autora, da miséria à riqueza e seu sucesso literário.

Heróis de todo mundo:

Carolina Maria de Jesus – Ruth de Souza – 2010

Direção Luiz Antônio Pilar · **Elenco** Ruth de Souza · 2min

Com uma linguagem ficcional que mistura elementos documentais, cada interprograma desta série relata a vida de uma personalidade negra já falecida, ressaltando sua importância nos cenários cultural, histórico, político ou científico do Brasil. A biografia deste personagem ganha corpo através de encenação, feita por uma celebridade viva que tenha sido, de forma subjetiva, influenciada pela vida ou trabalho desta figura histórica. São postos em cena, portanto, dois heróis por episódio. O projeto é uma parceria entre Canal Futura, Cidan, Seppir, TV Globo, Fundação Roberto Marinho e Petrobras. O episódio a ser programado tem a atriz Ruth de Souza encenando a vida e obra de Carolina Maria de Jesus, catadora de papel que se tornou escritora publicada em mais de 15 idiomas.

Damas da TV: Ruth de Souza 2014

Idealização Hermes Frederico · **Participe** Ruth de Souza · 21min.

Programa idealizado por Hermes Frederico e veiculado no Canal a cabo Viva, que registrou o depoimento de 23 atrizes brasileiras, entre elas, Ruth de Souza. No referido episódio a atriz fala do começo da carreira no teatro, do sucesso no cinema e de suas participações nas telenovelas.

Espelho 2011

Direção Lázaro Ramos · **Participes** Ruth de Souza e Lázaro Ramos · 27min.

Programa apresentado e dirigido pelo ator Lázaro Ramos. Nesse episódio, todo dedicado à atriz Ruth de Souza, o ator a visita em Laranjeiras para um papo sobre carreira, vida e lutas contra preconceito e racismo.







Autores

Carlos Prinati

Jornalista, crítico e pesquisador, especializado em cinema fantástico brasileiro. Organizou a filmografia de José Mojica Marins, o Zé do Caixão, e produziu uma coleção de DVDs com filmes do cineasta. Idealizou a mostra Horror no Cinema Brasileiro, exibida no CCBB de Brasília e Rio de Janeiro, e na Cinemateca, em São Paulo.

Élvia Bezerra

Coordenadora de literatura do Instituto Moreira Salles.

Hermes Frederico

Diretor Acadêmico da CAL, Professor da PUC Rio e idealizador e produtor das séries *Damas da TV* e *Grandes Atores*, com o Canal Viva e *Grandes Damas* com o GNT.

Joel Zito Araújo

Cineasta, PHD em Comunicação, criador e diretor de *Filhas do Vento*, *A Negação do Brasil*, *Vista minha Pele* e *Raça*.

Júlio Claudio da Silva

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas, pesquisador do Laboratório de História Oral e Imagem/UFF e do Grupo de Estudos Históricos do Amazonas/UEA. É autor, entre outras publicações, do livro *Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth de Souza (1945-1952)*.

Maria do Rosário Caetano

É jornalista e pesquisadora, Trabalhou nos jornais Correio Braziliense, Jornal de Brasília e na TV Globo-DF. Colabora com a Revista de Cinema e com o semanário Brasil de Fato. Integra os quadros da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine).

Maurício R. Gonçalves

Doutor em ciências da Comunicação pela ECA/USP, professor e pesquisador do Centro Universitário Senac, autor do livro *Identidade nacional e cinema no Brasil 1898–1969*.

mreinald@uol.com.br.

Rafael dos Santos

Professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Rita A. C. Ribeiro

Pesquisadora na área de culturas urbanas e líder do grupo de pesquisa Design e Representações Sociais. Professora do Programa de Pós-Graduação em Design na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. rribeiroed@gmail.com.

Rodrigo Fonseca

Crítico de cinema, colunista do site Omelete, blogueiro do jornal O Estado S. Paulo e roteirista da TV Globo.

Sobre o curador

BRENO LIRA GOMES

Jornalista e produtor cultural, com passagens pelo curso de cinema da Universidade Estácio de Sá, pela Pipa Produções, pelo Ponto Cine e pela Mostra Geração do Festival do Rio. É curador do festival Curta Cabo Frio desde 2007. Assinou a curadoria e coordenação geral das mostras El Deseo—O apaixonante cinema de Pedro Almodóvar; Cacá Diegues—Cineasta do Brasil; Simplesmente Nelson; A luz (imagem) de Walter Carvalho; e O maior ator do Brasil—100 anos de Grande Othelo. Foi curador e produtor executivo do projeto É Massa! 1ª Mostra do Cinema de Pernambuco. É produtor executivo da mostra Os Melhores Filmes do Ano da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ) desde 2010. Foi produtor executivo das mostras Irmãos Coen—Duas mentes brilhantes; Filmes à mesa; Dario Argento e seu mundo de horror; James Dean—Eternamente jovem; Claudio Papienza, o encontro que nos move; Neville d'Almeida—Cronista da beleza e do caos; Cine Doc Fr—Mostra de Cinema Documentário Francês Contemporâneo; Carlos Reichenbach—O cinema de autor brasileiro; George A. Romero—A crônica social dos mortos-vivos; O Cinema de Murilo Salles—O Brasil em cada plano; Cine Uruguai; Luís Buñuel—Vida e obra e do curso Questão de Crítica. Coordenou a produção do Curso de Crítica Cinematográfica com Mario Abbade e das mostras John Waters—O papa do trash; Jornada nas Estrelas: Brasil—A fronteira final; David Lynch—O lado sombrio da alma e a 1ª Mostra Cine Literário. Fez a direção de produção do 18º Festival Brasileiro de Cinema Universitário. É pesquisador do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, realizado anualmente pela Academia Brasileira de Cinema.

Produção

SINGULARTE PRODUÇÕES

A Singularte é uma empresa brasileira, criada em 2008, com atuação em diversas áreas culturais. Foi responsável pela elaboração e formatação de mais de 50 projetos culturais e sociais, além de ter realizado trabalhos de captação de recursos, captação de apoios, produção executiva, gestão e prestação de contas de diversos projetos. Em sua trajetória, destacam-se: produção executiva e realização da mostra A luz (imagem) de Walter Carvalho, no RJ, em Brasília, Fortaleza e São Paulo; administração da primeira edição da mostra El Deseo – O apaixonante cinema de Pedro Almodóvar; administração da 3ª edição do Festival Adaptação; produção executiva dos filmes Amor Puro e Simplesmente e Ensaio Chopin; realização do premiado espetáculo Chopin & Sand: Romance sem Palavras; agenciamento e administração do musical Carmen, o It Brasileiro; realização do espetáculo de dança Raízes & Frutos; gestão e prestação de contas do projeto Livro de Pinturas Carlos Vergara; aplicação do curso Gestão de Projetos, em evento do Sebrae, em São Luís do Maranhão; produção executiva da 51ª, 52ª e 53ª edições do Festival Villa-Lobos e aplicação de cursos e consultoria no projeto Rio Criativo.

BLG ENTRETENIMENTO

A BLG Entretenimento é uma produtora voltada para a realização e promoção de mostras e festivais de cinema, além de espetáculos teatrais. Fundada em 2012, pelo jornalista Breno Lira Gomes, produziu e/ou coproduziu os seguintes projetos de mostras: El Deseo – O apaixonante cinema de Pedro Almodóvar, Cacá Diegues – Cineasta do Brasil; Simplesmente Nelson; A luz (imagem) de Walter Carvalho; irmãos Coen – Duas mentes brilhantes; Claudio Papienza, o encontro que nos move; John Waters – O papa do trash; Cine Doc Fr – Mostra de Cinema Documentário Francês Contemporâneo e David Lynch – O lado sombrio da alma. É responsável pela produção do Curso de Crítica Cinematográfica, ministrado pelo crítico Mario Abbade. Fez a produção local no Rio de Janeiro das mostras Retrospectiva Carlos Hugo Christensen e Jean-Luc Cinema Godard. Fez a produção de cópias das mostras África, Cinema e Cine Design, edição Rio de Janeiro e Florianópolis. No teatro atuou na produção dos espetáculos Chopin & Sand – Romance sem palavras; O Gato de Botas – O Musical; Vertigem Digital e Aginaldo Rayol – A alma do Brasil.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ruth de Souza

Lu Gondin

Glória Uchino

AGRADECIMENTOS À INSTITUIÇÕES E EMPRESAS

Arquivo Nacional, Canal Brasil, Canal Futura, Canal Viva, Cinemateca Brasileira, Cinemateca do MAM, Coordenação de Políticas Educacionais para Etapas, Modalidades e Temáticas Especiais de Ensino, CTAV, Diretoria de Educação do Campo e Eixos Transversais, Escolas públicas do distrito federal e entorno, Fundação Cultural Palmares, Fundação Roberto Marinho, Gerência de Educação em Direitos Humanos e Diversidade – GDHD, Incaa – Instituto Nacional de Cine y Artes Audiovisuales, Instituto Moreira Salles, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Subsecretaria de Educação Básica, TV Globo

AGRADECIMENTOS

Aída Marques, Aluisio Sobreira, Ana Elisa Athayde, André Dias, Andréa Camargo de Sousa, Antonio Laurindo, Antonio Trigo, Audálio Dantas, Aurora Duarte, Bete Bullara, Bruno Imenes, Cacau Protásio, Camila Carvalho, Camila Motta, Carlos Primati, Cátia Castilho, Celina Richers, Cintia Rosa, Cláudia Denis, Cláudia Oliveira, Eduardo Santana Toledo, Élvia Bezerra, Erivaldo Oliveira, Felícia Krumholz, Geraldo Veloso, Gilsa Ribeiro, Herbert Richers Jr., Hermes Frederico, Hernani Heffner, Janderson Pires, Jane Leite Conceição Silva, Jeferson De, Joana Nogueira Lima, Joel Zito Araújo, José Ferreira Gomes, Juan Crespo, Julia Menezes Moreira, Júlio Claudio da Silva, Kubitscheck Plaza, Lázaro Ramos, Léa Garcia, Leandro Pardí, Lucas Garbois Mattos, Luciana Araújo, Luciano Vídigal, Ludmila Figueiredo, Luis Abramo, Manoela Purcell Daudt d'Oliveira, Marcelo (Cavideo), Marcia Leite, Márcia Pereira dos Santos, Marco Audrá, Marcos Silva, Margarida Maria Lira Gomes, Maria Angela de Jesus, Maria do Rosário Caetano, Maria Flor, Mariana Bezerra, María Nuñez, Maurício R. Gonçalves, Nancy Korim, Nelson Pereira dos Santos, Olga Fudemma, Patrícia Bueno, Patrícia Civelli, Rafael dos Santos, Renata Garrido, Rita A. C. Ribeiro, Rita Marques, Riva Farias, Roberto Farias, Rodrigo Fonseca, Ronaldo Richers, Rosângela Sodrê, Rossana Ghesa, Ruben Jacobina, Sabrina Rosa, Suellen Felix Nascimento, Sílvia Oroz, Taís Araújo, Tânia Rocha, Tatiana Dale, Thais Duarte, Thais Sobreira, Vanderlei Lourenço, Vera Eunice de Jesus, Vera Lucia Sobreira, Wilfred Khouri.

Fontes consultadas

COSTA, Haroldo. *Álbum de retratos Ruth de Souza*. Rio de Janeiro: Memória Visual: Folha Seca, 2008.

FLÓRIDO, Eduardo Giffoni. *As grandes personagens da história do cinema brasileiro 1930-1959*. Rio de Janeiro: Fraiha, 1999.

JESUS, Maria Angela de. *Ruth de Souza: a estrela negra*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

SILVA, Julio Claudio da. *Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth de Souza*. Manaus: UEA Edições, 2015.

Acervo Ruth de Souza

Programa *Damas da TV: Ruth de Souza*, do Canal Viva

SITES

www.adorocinema.com.br

www.bcc.org.br

www.cinemateca.gov.br

www.imdb.com

CRÉDITOS FOTOGRAFIAS

Acervo Ruth de Souza, Acervo Vânia Alinor Azevedo Venâncio, Aurora Duarte, Casa de Criação Cinema, Cinemateca Brasileira, Fundação Roberto Marinho, Instituto Moreira Salles, Maristela Filmes, Memória Civelli, Patrícia Bueno, Regina Filmes, Roberto Farias, Rossana Ghesa, Site Memória Globo.

As fotos que não foram creditadas, a produção pede desculpas. Em futuras edições corrigiremos.

DEPOIMENTOS

O depoimento de Ruth de Souza sobre o filme *O assalto ao trem pagador* foi extraído do livro *Ruth de Souza: a estrela negra*, de Maria Angela de Jesus.

Os depoimentos de Sandra de Sá, Roberto Farias e Milton Gonçalves foram extraídos do programa *Ruth de Souza – A Sacerdotisa da Dramaturgia*, realizado pela Lapilar Produções Artísticas.

O depoimento de Luciana Barreto foi encontrado na página da EBC no Youtube, no vídeo *Ruth de Souza por Luciana Barreto #MulheresNegrasInspiram*, publicado em 17 de novembro de 2015.

O depoimento de Haroldo Costa foi retirado do site do Museu Afro Brasil www.museuafrobrasil.org.br

O depoimento de Aguinaldo Silva foi extraído do site <http://asdigital.tv.br/>

Os depoimentos de Audálio Dantas, Aurora Duarte, Cacau Protásio, Cintia Rosa, Lázaro Ramos, Maria Flor, Patrícia Bueno, Rossana Ghesa, Sabrina Rosa, Taís Araújo, foram colhidos por Angélica Coutinho e Breno Lira Gomes.

FILMOGRAFIA, CRONOLOGIA & SINOPSES

A filmografia e a cronologia foram organizadas e atualizadas por Angélica Coutinho e Breno Lira Gomes, tendo como base os livros *Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth de Souza* e *Álbum de retratos Ruth de Souza*, respectivamente.

As sinopses foram organizadas e/ou redigidas por Antero Leivas.

PATROCÍNIO **Banco do Brasil**

REALIZAÇÃO **Ministério da Cultura & Centro Cultural Banco do Brasil**

APOIO INSTITUCIONAL **Arquivo Nacional, CTAV,
Cinemateca Brasileira & Cinemateca do MAM**

IDEALIZAÇÃO, CURADORIA & COORDENAÇÃO GERAL **Breno Lira Gomes**

PRODUÇÃO EXECUTIVA **Mariana Sobreira**

PRODUÇÃO **Daniela Barbosa & Isabella Martins**

PRODUÇÃO LOCAL – BRASÍLIA **Villa-Lobos Produções**

PRODUÇÃO LOCAL – SÃO PAULO **Karina Francis Urban**

MONITOR – BRASÍLIA **Ligia Coelho**

MONITOR – RIO DE JANEIRO **Flora Baltz**

MONITOR – SÃO PAULO **Mauricio Maia**

COORDENAÇÃO EDITORIAL **Baltazar Produção & Conteúdo**

PESQUISA DE CONTEÚDO & REVISÃO DE TEXTOS **Antero Leivas**

PROGRAMAÇÃO VISUAL **Guilherme Lopes Moura**

VINHETA **Fernanda Teixeira**

ASSESSORIA DE IMPRENSA – BRASÍLIA **Objeto Sim**

ASSESSORIA DE IMPRENSA – RIO DE JANEIRO **Primeiro Plano**

ASSESSORIA DE IMPRENSA – SÃO PAULO **Genco Assessoria e Comunicação**

REGISTRO VIDEOGRÁFICO – BRASÍLIA **Estúdio Carbono**

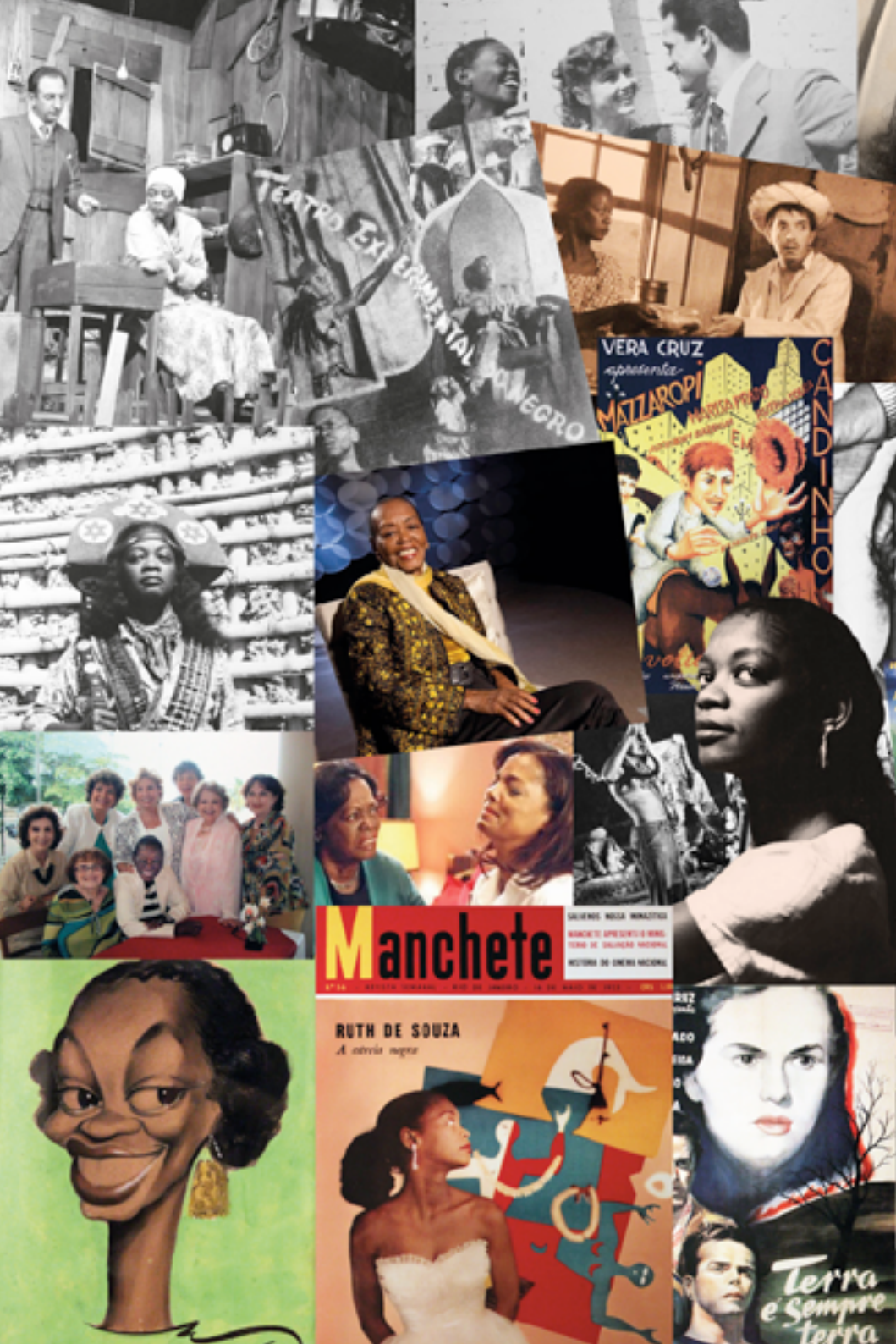
REGISTRO VIDEOGRÁFICO – RIO DE JANEIRO **Cátia Castilho & Joaquim Delphim**

REGISTRO VIDEOGRÁFICO – SÃO PAULO **Mirante Produtora**

TRANSPORTE DE CÓPIAS E MATERIAL **Fênix Cargo**

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA **Singularte Produções**





TEATRO EXPERIMENTAL NEGRO

VERA CRUZ
apresenta
MATAROPÍ
MARTINHO
CANDINHO

Manchete

SALENIUS NAZA MINISTRO
BANQUEIRO APRESENTA BANG
TEATRO DE DANÇAS NACIONAIS
HISTÓRIA DE CINEMA NACIONAL

1974 - REVISTA CULTURAL - 1975 DE JANEIRO - 14 DE MARÇO DE 1977 - 1993

RUTH DE SOUZA
A atriz negra

Terra e sempre terra



RUTH DE SOUZA





Distribuição gratuita. Venda proibida. ISBN 978-85-66110-27-2

Produção

Realização



Singularte
INSTITUTO DE CULTURA

blg
ENTERTAINMENT



MINISTÉRIO DA
 CULTURA

